

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



**PAULO DANIEL DOS SANTOS SANTIAGO**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
BÁSICA Nº2 DA MEALHADA COM A TURMA 7ºC NO ANO LETIVO 2012/2013**

**COIMBRA**

**2013**

**PAULO DANIEL DOS SANTOS SANTIAGO**

**2009121053**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
BÁSICA Nº2 DA MEALHADA COM A TURMA 7ºC NO ANO LETIVO 2012/2013**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

**Orientador: Prof. Pedro Fonseca**

**COIMBRA**

**2013**

Santiago, P. (2013). *Relatório final de estágio pedagógico desenvolvido na escola básica nº2 da Mealhada com a turma 7ºC no ano letivo 2012/2013*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

## AGRADECIMENTOS

Finalizada mais esta importante etapa neste longo percurso, importa realçar o contributo de todos aqueles que contribuíram, com a sua presença, o seu apoio, o seu abraço e a sua palavra amiga para que eu chegasse até aqui. Agradeço primeiramente aos meus pais pelo apoio, amor, carinho e por me terem proporcionado diferentes experiências de vida que me permitiram crescer pessoal e academicamente, sem eles muito provavelmente não teria chegado até aqui.

Aos meus amigos agradeço, também, pelo apoio, pelos abraços, pela paciência, pelos sorrisos, pelos conselhos, pela confiança, pela amizade, pelos bons momentos passados em trabalho, aventuras e peripécias.

Ao professor Miguel Faria, um abraço, pelo apoio, pela boa disposição, pelo respeito e tranquilidade transmitida, mas, principalmente pelos conselhos e sabedoria partilhados ao longo deste ano, que muito contribuíram para o que sou hoje. A todos os Professores desta escola e também aos funcionários que me acolheram e ajudaram no desempenho das minhas tarefas.

Agradeço também ao professor Pedro Fonseca pela sua contribuição na minha formação académica, pelos conselhos e orientações pertinentes, fortalecendo sempre a postura do profissional de Educação Física.

Não esquecendo os meus colegas de estágio, aos quais agradeço pela ajuda, paciência, disponibilidade e amizade.

Agradecendo também à minha namorada, Marlene Sousa, por todo o apoio prestado, toda a força transmitida, transbordada em palavras de incentivo e alegria que me acompanharam durante todo este percurso, dando-me uma força interior para superar as dificuldades e alcançar os objetivos a que me propus. Sem ela, definitivamente teria sido impossível alcançar o que alcancei até hoje.

Finalmente, aos meus alunos pois, sem eles esta caminhada não teria sido possível, pela experiência e pelos desafios que me fizeram crescer e aprender.

A todos vós,

o meu sincero Obrigada!

## RESUMO

O desenvolver da prática educativa, comprova inúmeras realidades, exige a adaptação da teoria a uma realidade mais complexa, a do contexto escolar, dependente de inúmeras variáveis que condicionam a atuação dos intervenientes do processo educativo. Assim, o estágio pedagógico constitui-se como a transferência dos conhecimentos teóricos para a prática, para o contexto real, facilitando inúmeras experiências de ensino - aprendizagem da prática educativa. Esta estabelece diversas tarefas e funções para as quais existe a necessidade de constante pesquisa. Naturalmente que é neste sentido, num âmbito de especialização numa turma de 7º ano de escolaridade, que se procura refletir sobre a minha atuação enquanto professor estagiário, junto da respetiva turma. Como tal, o presente relatório de estágio tem como propósito uma descrição das aprendizagens concretas, resultado das experiências vividas durante o processo de formação pedagógica com uma turma do 7º ano, no Agrupamento de Escolas da Mealhada, mais concretamente na Escola Básica nº2 da Mealhada. A sua finalidade prende-se com a necessidade de reflexão acerca das atividades desenvolvidas no círculo da intervenção pedagógica. Assim, primeiramente será feita uma contextualização da prática desenvolvida relativamente às minhas expectativas iniciais e objetivos de formação. A descrição das atividades desenvolvidas, assim como a reflexão e justificação das opções tomadas também constam no documento. No final do documento procedo, também, ao aprofundamento do tema escolhido face ao estágio, como forma de reflexão, fazendo a ligação entre o tema e as ocorrências durante este ano lectivo.

**Palavras-chave:** Planeamento. Realização. Alunos. Professor. Processo ensino-aprendizagem. Avaliação. Artrite Reumatoide Juvenil.

## ABSTRACT

The development of educational practice proves countless realities, it requires the adaptation of the theory to a more complex reality, the school context, and it is dependent on numerous variables that affect the performance of the stakeholders in the educational process. Thus the teaching practice is the transfer of theoretical knowledge to practice for the real context, facilitating numerous experiences of teaching - learning of educational practice. Naturally, in this sense, in the context of specialization in a class of 7 th grade, which seeks to reflect on my performance as a teacher trainee with the respective class. As such, this internship report aims a description of learning concrete result of experiences during the process of pedagogical training with a group of Year 7, the Group of Schools of Mealhada, specifically in the Primary School No. 2 of Mealhada. This description comes from the reflection of the activities developed in the course of my pedagogical intervention. So, first there will be a contextualization of practice developed in relation to my initial expectations and training goals. A description of the activities, as well as reflection and justification of the choices made are also contained in the document. At the end of the document proceed also to deepening the theme over the stage, as a form of reflection, making the connection between the subject and the events during this school year.

**Keywords:** Planning. Achievement. Students. Teacher. Teaching-learning process. Evaluation. Juvenile Rheumatoid Arthritis.

## SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO .....	10
2) CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	11
2.1) Expetativas e opções, iniciais em relação ao estágio (PFI).....	12
2.2) Projeto Formativo – Plano de Formação Individual (opções iniciais) .....	13
2.3) Objetivos de Formação.....	14
2.4) Caracterização das Condições Locais e Relação Educativa .....	15
3) ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA .....	17
3.1) Atividades Desenvolvidas .....	18
3.2) Planeamento .....	19
3.2.1) Plano Anual.....	21
3.2.2) Unidades Didáticas .....	23
3.2.3) Planos de Aula .....	25
3.3) Realização.....	27
3.3.1) Instrução .....	29
3.3.2) Gestão Pedagógica.....	31
3.3.3) Clima/Disciplina.....	33
3.3.4) Decisões de Ajustamento .....	35
3.5) Avaliação .....	36
3.5.1)Avaliação Diagnóstica.....	37
3.5.2) Avaliação Formativa.....	39
3.5.3) Avaliação Sumativa.....	41
3.6) Componente Ético -Profissional .....	43
3.6.1) Importância do Trabalho Individual e de Grupo .....	45
3.6.2) Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade .....	46
4) APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA.....	48
4.1) Revisão da Literatura.....	49
4.1.1) Definição .....	49
4.1.2) Etiologia e Frequência .....	50
4.1.3) Variantes da Artrite Reumatoide .....	50
4.1.4) Classificações .....	51
4.2) Quadro Clínico da Artrite Reumatoide Juvenil.....	52
4.3) Caraterização Informacional da Aluna.....	53

4.3.1) Caraterização da Aluna.....	53
4.3.2) Informação Clínica .....	54
4.4) Metodologia .....	55
4.5) Interpretação dos Resultados .....	55
4.6) Implicações no Estágio Pedagógico .....	57
4.7) Sugestões e Recomendações .....	60
5) CONCLUSÕES .....	63
5.1) Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar .....	64
5.2) Prática Pedagógica Supervisionada .....	65
5.3) Experiência Pessoal e Profissional.....	66
6) BIBLIOGRAFIA .....	68



**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AIJ: Artrite Idiopática Juvenil

AR: Artrite Reumatoide

ELAR: European League Against Rheumatism

ILAR: International League of Associations for Rheumatology

HLA-B27: Human Leukocyte Antigen - subtypes B\*2701-2759

PFI: Plano de Formação Individual

Paulo Daniel dos Santos Santiago, aluno nº 2009121053 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art. 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF-UC (versão de 10 de Março de 2009).

## 1) INTRODUÇÃO

O estágio pedagógico é um momento decisivo na formação de professores porque permite aos professores estagiários desenvolver competências de conceção, realização e avaliação, tendo como base os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação nos anos anteriores aquando da licenciatura e do primeiro ano do mestrado.

No âmbito da unidade curricular – Estágio Pedagógico do curso de Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, realizado na escola básica nº2 da Mealhada, apresento o respetivo Relatório de Estágio.

Este relatório encontra-se estruturado em quatro capítulos principais. No primeiro capítulo procedi a uma descrição da contextualização da prática desenvolvida. No segundo realizei uma análise reflexiva sobre a prática pedagógica onde indiquei e refleti sobre os conhecimentos adquiridos, as dificuldades e necessidades de formação e a ética profissional. No seguinte realizei o aprofundamento do tema por mim escolhido, incidindo principalmente a minha reflexão nas implicações desta temática durante o meu ano de estágio. Por fim o último capítulo reflete as conclusões retidas nomeadamente no estudo caso realizado, a implicação das atividades desenvolvidas no contexto escolar e a experiência pessoal e profissional adquirida.

Este ano lectivo foi de novas vivências e aprendizagens onde entrei em contacto com a comunidade escolar e a profissão docente, passando a desempenhar um papel que há muito almejei desde que decidi optar por esta vertente nos estudos. Foi rico em diversas situações, tendo desenvolvido inúmeras tarefas e deparando-me com algumas dificuldades, sempre procurando arranjar as melhores soluções, aperfeiçoando a minha prática pedagógica. A experiência vivida, a aprendizagem adquirida e a troca de conhecimentos com os orientadores, com os outros docentes desta escola e com o grupo de estágio, permitiu-me adquirir e aperfeiçoar um conjunto de competências a nível da intervenção profissional âmbito da educação física.

A minha atuação enquanto estagiário durante este ano lectivo necessitou também de uma recolha de informações e de dados necessários para o desenvolvimento com mestria das suas atividades de intervenção pedagógica. Para ensinar e aprender é essencial que se tenha um objetivo, um projeto, um desejo, um sentimento de necessidade profissional e pessoal.

Com este documento desejo dar a conhecer as aprendizagens adquiridas tendo por base a contextualização da prática pedagógica e da apresentação das minhas expectativas iniciais, passando pela descrição, reflexão e justificação das atividades e opções tomadas. Também é referido neste relatório as dificuldades que vivenciei e como tentei ultrapassá-las. É feito também o balanço sobre as experiências vividas, individual e coletivamente e as necessidades de formação futuras, isto porque estas são importantes num docente, porque as mesmas fazem com que o docente esteja sempre a aprender e também a evoluir no tempo, assim como evolui a sociedade onde vivemos.

A contextualização do tema a aprofundar prende-se com o estágio pedagógico e com uma das situações com que me deparei, tendo escolhido este tema não só pelas suas características mas também pela implicação que esta temática tem nas aulas de educação física. Foi realizada uma reflexão e comparação entre a bibliografia referente a esta temática e a reação da respetiva aluna durante as aulas.

## **2) CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA**

Foi com enorme expectativa que iniciei este ano lectivo, já que iria realizar um objetivo há muito tempo traçado.

Tinha a noção de que iria aprender muito, evoluir no papel de docente e acima de tudo realizar-me pessoalmente. O aprofundamento científico, os âmbitos alargados e multidisciplinares, a organização e gestão escolar eram pretextos suficientes para realizar um bom trabalho e alcançar o sucesso.

O estágio seria assim um desafio aliciante e só com muita organização diária e capacidade de trabalho conseguiria ser superado. O facto de no meu dia-a-dia ter de assegurar outras funções em atividades extra escola, poderiam retirar algum tempo

para me dedicar ao estágio, mas tudo foi conciliado e chegando agora ao final desta etapa, posso concluir que a minha organização e pontualidade/prontidão nas tarefas realizadas foram um dos meus pontos fortes.

### **2.1) Expetativas e opções, iniciais em relação ao estágio (PFI)**

A ansiedade derivada à tentativa de antecipação de problemas é segundo Randall (1992), uma das primeiras experiências vivenciadas pelos professores (estagiários), cada vez mais aumentada pela interação progressiva com o meio escolar e consequentemente o choque que este acontecimento acarreta. Assim, associada à enorme expectativa surgiu, logicamente, uma enorme ansiedade com o início deste ano lectivo, já que iria realizar um objetivo há muito tempo idealizado. Tinha a noção de que iria aprender muito, evoluir no papel de docente e acima de tudo realizar-me pessoalmente.

Sem dúvida que a possibilidade de realizar este estágio na escola básica nº2 da Mealhada foi uma mais-valia para mim, não só por ser perto do local onde vivo, mas também por ser uma cidade que a mim diz muito, e me tem acolhido nos últimos anos no contexto da prática desportiva.

Segundo Piéron (1996), o estágio no meio escolar é a confrontação entre a formação teórica e o mundo real do ensino. Quando iniciei o meu percurso escolar, sempre sonhei com este momento de poder lecionar numa escola. Muitas eram as expectativas, antevendo como um espaço que me proporcionaria um grande número de aprendizagens, partilhas, interação de saberes e competências, mas também, rico em momentos de reflexão, sendo esta última a mais importante neste momento porque me irá fazer perceber as diferenças entre a minha formação teórica e o contexto real do ensino. Como tal, em toda e qualquer formação todo o trabalho realizado deve ser orientado no sentido de desenvolver competências pessoais e profissionais que permitam refletir sobre a construção do seu conhecimento e sobre as formas de o transformar em atuação.

Partindo do propósito que o estágio pedagógico nos remete para um “terreno” coberto de inúmeras interações do ponto vista pedagógico, científico, didático e social, pretendi tornar este momento como mais uma fase do meu processo de formação abrindo outros olhares, outras perceções, outros percursos, outra forma de

percecionar a disciplina que desde de pequeno sempre sonhei um dia poder lecionar. Procurei ao máximo durante este ano lectivo fomentar o espírito de trabalho colaborativo entre os elementos do núcleo de estágio de uma forma integradora valorizando as diferentes capacidades / competências de cada um, respeitando os distintos ritmos e estratégias de forma a apresentarmos um trabalho de referência tanto para os alunos / grupo de educação física como para a escola, principalmente em todas as tarefas que exigiram a cooperação entre o grupo, mas também sempre disponível para poder debater, ajudar em questões individuais em que o meu conhecimento poderia ser uma mais-valia.

Tudo isto, sempre consciente das dificuldades que iria enfrentar, não só em relação ao conjunto de atividades que um estágio já por si exige, mas sobretudo na docência de uma turma da escola básica nº 2 da Mealhada.

## **2.2) Projeto Formativo – Plano de Formação Individual (opções iniciais)**

A elaboração do Plano de Formação Individual (PFI) revelou-se de extrema importância durante a ação letiva desenvolvida.

Este foi um documento que representou os objetivos, as tarefas a realizar, as principais fragilidades/dificuldades encontradas e os objetivos de aperfeiçoamento. Não foi um documento fechado pois à medida que novas tarefas surgiam também novas fragilidades se apresentavam, acompanhando sempre o meu processo de formação enquanto profissional na área da educação física.

Nesta construção do PFI, seguindo o trilha de Rosado (1998) teve-se em conta a possibilidade de individualizar e diferenciar as respetivas experiências formativas em função das necessidades e dificuldades decorrentes neste processo. Após trabalho de pesquisa e elaboração, fui percecionando de uma forma gradual e objetiva a sua verdadeira funcionalidade, indo ao encontro da definição das linhas orientadoras de ação/formação para o presente ano lectivo.

Este plano pretendeu apresentar de forma detalhada, questões relacionadas com a definição, organização, conceção de elementos representativos de formação.

Esta atitude reflexiva foi auxiliada pelos diferentes intervenientes deste estágio pedagógico quer com o núcleo de estágio quer com os professores orientadores, valorizando cada ponto de vista apresentado, fazendo-me questionar a mim próprio

e encontrar uma formulação final. Assim, ao contactar com as diversas tarefas e funções a desempenhar no estágio pedagógico, relativamente às dimensões do mesmo (planeamento, realização e avaliação), concluí que apresentava algumas fragilidades de desempenho que me comprometi a ultrapassar definindo objetivos de aperfeiçoamento.

Analisando o meu plano de formação individual sinto que atingi todos os objetivos que me propus. Talvez a maior evolução diga respeito à intervenção pedagógica. É aqui que me sinto realmente à vontade, no contacto direto com os alunos, com as suas características únicas e com a sua evolução. No entanto devo admitir que neste momento domino com muito mais à vontade e eficácia todo o processo de planeamento. Plano anual, unidades didáticas, planos de aula são agora documentos elaborados de forma mais segura e mais viáveis. Para tal não restam dúvidas que os professores orientadores tiveram um papel fundamental nesta evolução já que me auxiliaram e permitiram uma análise reflexiva consciente.

### **2.3) Objetivos de Formação**

Na escola do presente um professor personifica um papel complexo, interdisciplinar, exigindo o domínio de competências sociais, relacionais, de gestão pedagógica, de comunicação, de interação e um envolvimento superior no seio da comunidade educativa. Assim foi pertinente traçar alguns objetivos pelo que a sua consecução pressupunha uma melhoria do meu desempenho colocando-me em condições que permitem a identificação de soluções de questões problemáticas no exercício da profissão que sempre ambicionei. Estes objetivos resumidamente dão primazia à promoção das inter-relações entre os membros do núcleo de estágio, primando pelo respeito mútuo, assumindo a responsabilidade e melhoria do trabalho individual e em grupo, sendo esta uma das premissas para o sucesso deste tipo de trabalho. Assim com o articular dos conhecimentos adquiridos nos anos anteriores, colocando em prática no terreno, aprofundando assim os conhecimentos adquiridos com o objetivo de alcançar um desempenho favorável.

Sendo eu um futuro docente é essencial aprimorar o conhecimento dos programas nacionais a implementar nas escolas, pois são eles o guia para o meu desempenho. A abertura destes programas e a sua escolha diversificada, irá promover o meu

espírito de iniciativa, criatividade e capacidade de adaptação sempre sustentada no sentido crítico reflexivo que aumentará com o decorrer do ano letivo, vivenciando diversas experiências enriquecedoras.

Por fim, é essencial revelar uma disponibilidade sistemática para os alunos e para a escola, trabalhando de forma ativa, empenhada e construtiva, correspondendo assim ao compromisso ético para com os alunos e para a escola.

#### **2.4) Caracterização das Condições Locais e Relação Educativa**

A escola básica nº2 da Mealhada pertence ao agrupamento de escolas da Mealhada. A zona onde está inserida é uma zona urbana, muito bem localizada, com ótimos acessos situada junto ao parque municipal da Mealhada o qual foi uma mais-valia nas atividades realizadas no âmbito da exploração do mesmo, principalmente aquando da lecionação da matéria de orientação e também nas atividades desportivas da escola (corta mato).

Relativamente à disciplina de educação física a escola apresenta condições bastantes favoráveis. Um pavilhão gimnodesportivo, uma sala de dança, balneários com duas salas, instalações para professores e funcionários e uma arrecadação. Quanto ao exterior a escola possui dois campos de futebol/andebol, quatro de basquetebol, uma caixa de areia, mini golf e um local para lançamento do peso. Tratando-se de um estabelecimento em proximidade da secundária da Mealhada que pertence ao mesmo agrupamento, caso seja necessário existe o bom senso e um trabalho de parceria que permite a utilização dos espaços casos seja necessário. Há também o parque da cidade que já referi anteriormente o que é uma mais-valia pois possui condições favoráveis à prática da educação física.

Um dos fatores que se determina de grande importância é a relação com os colegas que, segundo Lopes (2001), é uma das fontes de mal-estar nos professores, sendo o seu caráter determinante no clima social da escola.

Nesta escola tive o contentamento de ter uma relação bastante amigável tanto com os professores do grupo disciplinar, como com os restantes docentes e funcionários, sempre num clima de cooperação, entajuda e boa disposição. Os professores do grupo disciplinar foram aqueles com quem tive mais contato, mostrando-se sempre cooperantes, simpáticos e divertidos, assegurando um clima agradável de trabalho



que na minha opinião é fundamental para que os estagiários se sintam bem na escola e no grupo, sem receios e timidez. Se tal não acontecesse, penso que seria muito difícil sobreviver a este ano letivo, porque estar num meio novo e partindo para a descoberta, não tendo ninguém para me auxiliar teria sido bastante difícil chegar até ao fim com os resultados que obtive.

Por fim, o mais importante, os alunos da turma, as suas características individuais e enquanto grupo. A primeira vez que tive conhecimento de algumas características dos alunos aconteceu na reunião de conselho de turma inicial no início do ano lectivo, onde os professores relataram diversos episódios e forneceram as suas opiniões acerca dos vários alunos, incidindo maioritariamente naqueles que apresentam muitas dificuldades e nos que apresentam comportamentos inapropriados. Porém, apesar de ter tomado conhecimento desses episódios e particularidades de alguns alunos, decidi não formar opiniões, evitando condicionar o meu desempenho. Segundo Vila (1988), esta relação com os alunos pode ser um pau de dois bicos, pois pode causar satisfação aos professores, mas também poderá ser uma estrondosa fonte de insatisfação.

A minha proximidade com os alunos fora do contexto de aula permitiu-me conhecer melhor estes alunos em alguns aspetos. Entendi melhor o relacionamento entre vários alunos da turma o que me permitiu adequar a prática valorizando os aspetos positivos e promover aprendizagens significativas. De certa forma também tentei ir ao encontro das expectativas dos alunos no que diz respeito à abordagem das matérias, na criação de grupos/ equipas e também nas relações entre alunos e professor/alunos.

A turma era constituída por dezanove alunos, terminando o ano letivo com dezoito, porque uma das alunas emigrou com os pais para o estrangeiro, fazendo com que durante o ano letivo fosse adaptando e criando novas estratégias na aplicação de exercícios, principalmente na sua organização. Com sete raparigas e doze rapazes com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Esta acaba por ser uma faixa etária que começa a ser um pouco problemática, iniciando novas descobertas com o consequente aumento de comportamentos inconscientes.

Considero que algumas vezes a turma se tornou um pouco agitada, pois apesar de a maioria dos alunos serem bastante empenhados e interessados, existiram outros que perturbavam tentando destabilizar os colegas com comportamentos desviantes.

Este facto não se revelou muito problemático porque consegui controlar estas situações impedindo o seu alastramento, tentando ao máximo impedir que estas acontecessem e quando aconteceram tentando rapidamente que os alunos em questão voltassem à aula, sem interferir com a turma e voltando à tarefa que eu pretendia.

### **3) ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Fazendo uma retrospectiva deste ano letivo, continuo a defender ainda mais o ideal de que mais facilmente se aprende aquilo que se experiencia.

A melhoria da competência pedagógica e das funções enquanto docente está diretamente relacionada com a realização de tarefas no âmbito das unidades curriculares do estágio e do compromisso assumido naturalmente com a vertente pedagógica.

Aproveitando os conteúdos de contextualização teórica, assimilados nas unidades curriculares por mim frequentadas nos anos anteriores, transportou-se para a contextualização prática o sentido de organização e orientação das metodologias utilizadas, adquirindo assim a aptidão para o planeamento, condução, realização e avaliação de atividades de ensino, refinando simultaneamente as atitudes éticas e profissionais.

Mas refletindo sistematicamente sobre todas as ocorrências para que haja qualidade de ensino e educação é necessário que exista uma elevada qualificação profissional dos seus agentes, exigindo-se deste modo, uma formação contínua e permanente ao longo de toda a carreira profissional.

O estágio veio por um lado ajudar no esclarecimento de várias ideias e por outro lado veio colocar ao de cima algumas dificuldades em certas áreas que foram em grande parte resolvidas no decorrer do ano lectivo. Como tal, esta experiência adquirida faz com que me sinta melhor preparado para encarar numa próxima oportunidade uma ou várias turmas, mas também sei que tenho que melhorar em alguns aspetos.

Enquanto não conseguir ser colocado num estabelecimento e até mesmo depois de o ser, devo fazer um trabalho de pesquisa mantendo-me sempre atualizado e também continuar a realizar formações, principalmente nas áreas e modalidades em que senti mais dificuldade.

Consciente de tudo aquilo que passei neste ano letivo, suportado com as palavras proferidas por Arends (1995), tendo por referência o facto de que o sucesso no primeiro local onde se leciona é fundamental para alguém que se preparou durante muitos anos para poder ensinar, apesar de ser difícil, pode vir a ser compensador para aqueles que estão preparados devido a o todo o desgaste psicológico inerente a todo este processo.

O meu pensamento está de acordo com as palavras descritas pelo autor anterior, porque ninguém tem um saber absoluto e ninguém nasce ensinado. Por muitas aprendizagens que tenhamos ao longo do nosso percurso académico e pessoal, continuamos em aprendizagem e é através dos erros cometidos que aprendemos.

### **3.1) Atividades Desenvolvidas**

Nesta parte específica abrangida no estágio pedagógico foram desenvolvidas e aperfeiçoadas todas as competências necessárias que um professor deve adquirir para uma apropriada condução do processo de ensino-aprendizagem, sendo este um trabalho desenvolvido por mim enquanto estagiário junto da minha turma.

O meu desempenho enquanto docente foi sempre sustentado e devidamente justificado em todas as tarefas por mim realizadas. Naturalmente o empenho, esforço e motivação dos alunos estiveram presentes neste desenvolvimento, assim como as condições de práticas existentes possibilitaram igualmente este desenvolvimento e esta aprendizagem real.

A minha inexperiência originou algumas dificuldades nos primeiros momentos deste estágio, criadas não só por não saber o que me esperava mas também com o normal receio de errar que foi superado pela minha capacidade de querer melhorar, aprender com os erros e superar as dificuldades que poderiam surgir.

Num primeiro contacto com a turma fiquei um pouco apreensivo pois nunca tinha lecionado para uma turma com dezanove elementos, apesar de ter alguma experiência na área do treino desportivo aqui foi um pouco diferente. E a grande

dificuldade inicial fixou-se mesmo com este aspeto que acaba por estar ligado a muitas das situações em que me senti menos à vontade.

Iniciando pela organização da turma nos espaços delineados para a prática das matérias, onde o facto de ter uma turma com um número razoável de alunos mas com espaços um pouco diferentes (refiro-me ao facto de haver espaço 1 com 1/3 pavilhão, o espaço 2 com 2/3 pavilhão e o espaço 3 com dois campos exteriores), me obrigou a ter que agilizar um pouco as tarefas propostas consoantes os espaços existentes permitindo a maior rentabilidade da prática desportiva por parte da turma. Consciente da ligação existente entre todas as atividades de ensino-aprendizagem, porque estas funcionam na dependência umas das outras, passo a apresentar a análise reflexiva ao meu desempenho nestas atividades mais concretamente nas vertentes de planeamento, realização, avaliação e também a atitude ético-profissional.

### **3.2) Planeamento**

Planeamento é para Gomes (2004), um processo que envolve tomada de decisões através da análise do contexto, da consequente seleção de estratégias e meios em busca da melhor produtividade possibilitando melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem. Este é sem dúvida um utensílio essencial na organização das aulas de qualquer professor, onde no caso da disciplina de educação física não é exceção.

Para mim foi essencial, pois o planeamento realizado tornou todo o processo de ensino-aprendizagem coerente e de qualidade, ou seja, a planificação embargou a finalidade de conduzir o meu trabalho enquanto docente através da resposta às questões que perseguem a prática pedagógica.

De acordo com Contreras (1998), a planificação realizada fez referência à ideia de adiantar ou antecipar o futuro, através do estabelecimento e combinação dos meios que estavam ao meu dispor. Desenvolvi assim a minha ação de forma prévia e orientada tendo em conta o que pretendi atingir, contribuindo assim para ser um melhor professor de dia para dia.

É óbvio que o contexto real tem mais facetas do que aquelas que normalmente são contempladas no seu planeamento. No processo real do ensino, na condução da

aula o inesperado pode acontecer, sendo necessária uma rápida solução. Porém, não é por isso que muitas tarefas deixam de depender da antecipação mental da realidade.

No desempenho das minhas funções destaco uma das primeiras opções do núcleo de estágio, que foi a de aproveitar os trabalhos que podiam ser realizados em grupo, uma vez que dos quatro estagiários, três estavam ligados a diferentes modalidades, no caso específico à patinagem, à ginástica, dança e também ao atletismo. Apesar de não nos conhecermos muito bem, facilmente chegámos a uma conclusão óbvia de que a par das tarefas de grupo, as individuais também podiam ser aprofundadas com a troca de conhecimentos, o que acaba por enriquecer o trabalho realizado. Aqui houve uma dificuldade que se prendeu com a realização de todo este processo de planeamento. Neste sentido revelou-se de extrema importância a realização de reuniões preparatórias com o orientador, que esteve sempre disponível, para me ajudar a mim e aos meus colegas, a esclarecer as nossas dúvidas.

A maior parte das opções tomadas a nível do planeamento seguiram as indicações dadas pela escola, baseando-se na sua forma de abordar a educação física através do aproveitando dos recursos e potencializando os conhecimentos de cada um.

Nesta escola é utilizado um planeamento da educação física orientado para um modelo de lecionação misto. Segundo Rosado (1998), este é um modelo caracterizado essencialmente por um trabalho por etapas, ajustado ao "*roulement*" de instalações onde são realizados pequenos blocos de matéria, permitindo assim uma distribuição de conteúdos por etapas ao longo do ano letivo com ciclos de revisão, consolidação e aplicação, favorecendo as aulas mono ou politemáticas. Este tipo de modelo acaba por ser mais rico no conhecimento e diversificação de matérias, mas acaba por não conseguir aprofundá-las, fazendo assim a ligação entre o modelo por etapas e o modelo por blocos, adotando algumas das suas características.

Foi-nos dada então alguma liberdade na escolha das matérias que ficou evidente no meu caso na parte da patinagem e no tag-rugby, as quais optei por trabalhar num conjunto de aulas que não é muito habitual existir nesta escola, pois trata-se de matérias que exigem conhecimentos específicos para poderem ser abordadas em mais do que uma aula ao longo do ano. Como consequência outras matérias ficaram com menos tempo de lecionação, mas esta foi uma opção consciente porque não se pode perder a oportunidade de dar a conhecer aos alunos estas matérias, aproveitando as características dos professores.

Não só de dificuldades vivi este momento de planeamento, como tal a minha participação ativa neste processo com a execução das variáveis constituintes da intervenção pedagógica, permitiram adquirir a perceção dos processos evoluídos de lecionação nas suas diferentes dimensões, tornando ainda possível a construção de objetivos.

A nível da pesquisa e investigação científica as expectativas foram largamente superadas. O desenvolvimento da contextualização da tarefa apresentando sempre uma prévia pesquisa bibliográfica, permitiu a aquisição de conhecimento sustentado, colmatando assim lacunas da formação académica de base.

### **3.2.1) Plano Anual**

O plano anual é provavelmente um dos primeiros documentos a ser elaborado pelos estagiários quando iniciam este estágio. É um documento que deriva da necessidade de criar um guia orientador que permita ao professor uma melhor articulação entre as partes que o constituem, nomeadamente adequar a planificação às características do meio envolvente e às características específicas de cada aluno. A elaboração deste documento, tal como indica Bento (2003), é a primeira etapa de planeamento e preparação do ensino que traduz a compreensão dos objetivos pretendidos bem como as reflexões e noções acerca do decurso do ano lectivo. Este é um documento que engloba um conjunto de informações relevantes que estão na origem de um bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. É o primeiro aprofundar de conhecimento relativo às características do meio envolvente, da escola, da turma, facilitando assim o contacto que se segue com os alunos, sendo o ponto de partida da minha orientação para o ano lectivo. Como tal, apesar de habitar perto desta cidade, este foi um documento que enriqueceu os meus conhecimentos acerca da mesma, mais aprofundadamente no que envolve este estabelecimento de ensino, as suas características, acima de tudo o seu modo de funcionamento no geral e na educação física em particular.

Tal como já referi, este também é o ponto de partida para a definição dos meus objetivos para a turma, consoante as matérias e conteúdos a lecionar ao longo do ano letivo, assim como a definição dos momentos e os procedimentos de avaliação.

Este envolve também todo o processo de calendarização das matérias a abordar, de acordo com a rotação de espaços utilizada nesta escola na educação física, e também consoante o calendário lectivo.

Foram também tidas em conta, as atividades a realizar ao longo do ano letivo, nomeadamente as provas de corta-mato, as atividades desportivas organizadas pelo núcleo de estágio, o basquetebol 3x3, o tag-rugby, a orientação e a escalada.

Pretende-se que um plano anual seja exequível, rigoroso em termos didáticos, que seja preciso quanto ao essencial, assumindo um compromisso no que respeita às características e necessidades gerais da turma.

Neste planeamento de matérias fiquei um pouco condicionado com a rotação de espaços de três em três semanas, pois por vezes torna-se difícil fazer uma ligação entre matérias quando passo de um espaço exterior com dois campos ao meu dispor, para o espaço interior em que tenho 1/3 de pavilhão para lecionar. Apesar disso na minha planificação houve a preocupação de formular uma sequência lógica das unidades didáticas para que os alunos não confundissem os vários conteúdos das diferentes matérias.

Uma das minhas aprendizagens ao longo deste processo diz respeito à reflexão constante do trabalho desenvolvido. Relativamente às dinâmicas de planeamento anual ficou mais do que evidente que se trata de uma tarefa aberta, isto é, tratasse de uma mera possibilidade de organização tendo em vista o que pretendemos realizar. Existindo sempre condicionantes que no início do ano não conseguimos prever, tais como viagens de estudo ou até condições meteorológicas por exemplo, poderão condicionar o planeamento, não sendo este sempre estanque. Cabendo ao professor ter a capacidade de adaptação/criatividade para poder precaver situações e ter sempre uma segunda opção para o que planeou.

Para a elaboração de certos documentos inerentes às tarefas de estágio e para a preparação das aulas, apoiei-me também numa pesquisa bibliográfica constante no sentido de atualizar e inovar a minha ação pedagógica.

De facto não me parece possível pedir que se seja um agente de desenvolvimento sem que antes lhe seja oferecida a possibilidade de se desenvolver como profissional capaz de interpretar, investigar e refletir o contexto. Estou de acordo com Alarcão (1987), que defende que a experimentação tal como a reflexão são dois meios progressivos para a autonomia e para a descoberta de potencialidades. A dificuldade maior prende-se com algo que já indiquei anteriormente, que é o facto

deste tipo de planeamento ser aberto e apenas um guia orientador do caminho a seguir, porque o mesmo pode ser alterado devido a ocorrências que possam surgir de forma inesperada. Este desempenho pode ser melhorado como indica Bento (2003), através da documentação no final de cada aula, semana após semana, apontando os aspetos positivos e negativos, realizando assim uma avaliação pessoal, que me irá ajudar num futuro, precavendo-me ainda mais para situações que possam ocorrer.

### **3.2.2) Unidades Didáticas**

Quanto a mim as unidades didáticas são elementos fulcrais na construção de uma unidade de ensino e tal como indica Bento (1987), estas são essenciais sendo parte integrante do processo ensino-aprendizagem, apresentando aos professores e alunos as etapas deste mesmo processo.

Durante este ano letivo as unidades didáticas foram elaboradas de forma a poder abordá-las em pequenos blocos da matéria, o que permite alguma aprendizagem dos alunos, isto é, potencia os principais conhecimentos da matéria por parte dos alunos nas diversas matérias. Acho que este planeamento em pequenos blocos de matéria, na minha opinião, não torna as matérias muito aprofundadas, como tal a sua abordagem acaba por ser superficial obrigando assim a agilizar da melhor forma o tempo de aula e também tomar as melhores opções, fazendo com que o professor mais experiente tenha mais sucesso que o estagiário, pois é capaz de num curto espaço de tempo que tem para lecionar cada bloco de matéria, rentabilizar ao máximo o desenvolvimento dos alunos. Atribuo portanto à experiência um papel essencial pois ajudará a selecionar da melhor forma os principais conteúdos a abordar, aprofundando ao máximo, aumentando o desenvolvimento dos alunos.

A construção das unidades didáticas ficou encarregue a cada estagiário, que antes de abordar a sua matéria, guiava-se por um conjunto de tópicos definidos pelo núcleo de estágio como sendo os essenciais a estar num documento destes, sempre cumprindo os requisitos do guia de estágio.

Para algumas matérias foi elaborado um documento que se constituía como material de apoio à disciplina com os conteúdos a abordar nas aulas, com questões específicas de caracterização da modalidade e os aspetos técnico-táticos essenciais



para proporcionar um relação da compreensão teórica para um conhecimento prático favorável. Estes documentos derivam do facto de existirem poucas aulas para a lecionação destas matérias o que condiciona a elaboração de uma unidade didáctica.

Existiu também a troca de documentos entre os estagiários, poupando assim algum trabalho, havendo apenas a necessidade de enquadrar cada documento com a sua respetiva turma. Aqui saliento a importância do trabalho de grupo, porque este se não ocorrer da melhor forma irá provocar conflitos no grupo de trabalho o que não favorece em nada o desempenho das funções de cada professor.

Referindo-me especificamente à estruturação das unidades didáticas, o mais complicado foi prever uma extensão e sequência de conteúdos que conseguisse realmente encetar a evolução dos alunos e como tal antever um fim. Mesmo assim, no meu entender o facto de planear atempadamente cada unidade didáctica e de a discutir com o professor Miguel, fez com que as minhas unidades tivessem um elevado valor, bem com a extensão e sequência de conteúdos apesar de poder ser alterada consoante o desempenho dos alunos foi sempre a mais indicada.

Uma das estratégias por mim utilizadas foi a de optar por abordar algumas matérias englobadas na parte inicial de cada aula, isto é, no caso da dança e da luta, foram abordadas no contexto de aquecimento e preparação dos alunos para uma parte fundamental da aula, destinada a outra matéria.

Este modelo de lecionação das aulas de educação física permite uma abordagem diversificada a várias matérias, mas retira aprofundamento das mesmas, tal como já indiquei anteriormente. Isto verificou-se no meu caso, mais precisamente no andebol e atletismo, que no meu planeamento surgem em poucas aulas durante o ano lectivo justificado pelo facto de este ano ter dado mais importância/relevância à patinagem e ao tag-rugby ao contrário do que tem sido habitual nesta escola, aproveitando as minhas competências profissionais onde tenho ligação no meu dia-a-dia nestas duas modalidades.

Convém referir ainda que dentro das várias unidades didáticas procurei organizações idênticas para permitir aos alunos uma adaptação rápida aos vários exercícios, poupando assim tempo na instrução e demonstração do exercício. Esta foi uma boa opção, pois apesar de ser uma turma pequena, por vezes apresentava-se um pouco agitada mas como as organizações eram idênticas rapidamente os alunos se colocavam nos locais que pretendia, facilitando assim o desenrolar das aulas.

Poderiam existir lacunas sobre os conhecimentos que possuía para dar aulas, mas este foi um aspeto fácil de resolver, pois quando verifiquei que iria ter que abordar matérias que não me sentia tão à vontade realizei trabalho de pesquisa e solicitei a ajuda dos meus colegas ou do professor Miguel que prontamente me ajudaram realizando debates de grupo e aplicação prática da opinião de cada um até chegarmos a uma solução final.

Por fim mais uma vez saliento a importância do trabalho atempado de pesquisa e tomada de decisão. Uma das aprendizagens realizadas surgiu na elaboração das unidades didáticas e posteriormente traduzida nos planos de aula, vencendo o desafio da diferenciação imposta por uma heterogeneidade clara de aptidões e interesses na turma, aprendendo assim a organizar previamente os grupos de trabalho e/ou de nível de proficiência para poder investigar e idealizar os objetivos formativos mais adequáveis.

### **3.2.3) Planos de Aula**

Começo por refletir sobre a utilidade do plano de aula, indicando até que a minha ideia foi sendo moldada ao longo do percurso académico e consolidada ao longo deste ano letivo onde cada vez mais é notório que o plano de aula deve ser interpretado, tal como sugere Graça (2009), como um livro de apoio e não como uma bíblia. Este é um facto totalmente verídico, pois o plano de aula é moldável e deve ser adaptado pelo professor consoante a resposta dos alunos aos exercícios propostos e também aos objetivos que pretendo ver alcançados. É essencial que cada professor seja capaz de perceber que objetivos muito ambiciosos poderão ter de se readaptar durante a aula, mas também promover objetivos muito simplistas não irá contribuir para o desenvolvimento dos alunos.

Os planos de aula são os documentos a que empreguei mais tempo e atenção sendo estes, na minha opinião, os que mais podem contribuir para o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

No início do ano foi criado um modelo de plano de aula a adotar por todos os estagiários. Esse modelo foi elaborado em consonância entre grupo de estagiários e com a aprovação do orientador da escola. Apesar de poder parecer um simples documento, optei sempre por tentar melhorá-lo de aula para aula colocando apenas

o que era essencial e que me permitisse a qualquer momento poder consultá-lo caso me falhasse alguma coisa durante a aula.

Devo referir que inicialmente o professor Miguel, contribuiu de forma preciosa e decisiva para a elaboração destes documentos, pois tinha um conhecimento bastante profundo dos alunos nos anos anteriores e sabia que tarefas e exercícios aplicar para ir contrariar as dificuldades de cada um dos alunos. Esta foi uma mais-valia porque a experiência de um professor experiente permitiu que eu não cometesse muitos erros, dando-me sempre liberdade para implementar as minhas ideias mas também sempre auxiliando e principalmente fazendo-me questionar de quais seriam as melhores soluções, contribuindo assim para o aumento do meu espírito reflexivo em conjunto com as minhas tomadas de decisão. Esta ajuda foi também importante a ultrapassar uma dificuldade sentida na definição de objetivos, pois sem eles é impossível delinear um trajeto viável em busca do sucesso educativo. Cada ajuda, cada pormenor, cada reprimenda, cada experimentação, foram importantes para mim porque fizeram aperceber-me de determinadas situações que muitas das vezes estavam debaixo dos meus olhos e eram tão simples mas que com a minha inexperiência não era capaz de as detetar.

O conteúdo de cada plano de aula seguiu a ideologia da tripartição do mesmo, onde a parte inicial continha tarefas de instrução sobre a aula e preparação dos alunos para a mesma. A parte fundamental focada nos exercícios principais da aula, abordando os conteúdos e objetivos que pretendia em cada matéria, consoante o desempenho dos alunos. Por fim na parte final tiveram lugar exercícios de retorno à calma com alongamentos e questionamento de forma a poder fazer a verificação das aquisições, tirando assim ilações para as aulas seguintes.

Ainda relativamente aos planos de aula, através da reflexão crítica após os critérios de insucesso e sucesso das aulas iniciais do ano letivo adquiri a noção de que é necessário antecipar-me aos comportamentos óbvios dos alunos menos inibidos. Como tal optei por utilizar os estilos de ensino por comando e tarefa, sendo também utilizado em algumas situações a descoberta guiada.

O ensino por comando foi utilizado diversas vezes durante o aquecimento, alongamentos e exercícios técnicos como forma de promover uma resposta imediata, uma uniformidade, um ritmo de trabalho imposto por mim e o controlo direto da turma, dominando os comportamentos. Este é um estilo de ensino que foi utilizado porque me permite controlar numa primeira instância a turma, e fazer

demarcar a minha posição e autoridade perante a mesma, permitindo-me alcançar os objetivos propostos para as tarefas desenvolvidas.

O estilo por tarefa surgiu principalmente na parte fundamental da aula, pois favoreceu a liberdade de expressão corporal dos alunos e também permitiu observar de forma a corrigir, fornecer feedbacks, elogiar e verificar o efeito pretendido.

A descoberta guiada surgiu principalmente na abordagem à ginástica, onde eram fornecidas as informações mais relevantes aos alunos, suportadas por auxiliares gráficos, que os ajudavam a ultrapassar etapas e alcançar os objetivos pretendidos.

A seleção dos exercícios a incluir no plano de aula revela muita importância reforçando as palavras de Quina (2009), quando refere que estes assumem um papel de grande importância no processo ensino-aprendizagem.

No final de todas as aulas elaborei um relatório crítico em que avaliava como tinha decorrido a aula e ainda o que deveria melhorar para a aula seguinte. Este serviu como reflexão e como uma proposta de melhoria aula após aula ajudando-me a não cometer os erros que cometia na aula anterior e também despertando a minha ambição por experimentar outros exercícios/tarefas que poderiam alcançar os objetivos que pretendia.

### **3.3) Realização**

Para ser professor não basta apenas querer, pois para o ser há que respeitar um processo complexo como indicam Pacheco e Flores (1999), compreendendo um conjunto de etapas formativas. Envolvendo sempre um processo de transformação de estruturas complexas, resultantes de um conjunto diversificado de variáveis.

Sou da opinião que a intervenção pedagógica é um dos pontos mais importantes do desempenho de qualquer docente e talvez seja o maior desafio, principalmente no início da sua carreira onde a experiência é uma mais-valia para ultrapassar determinadas situações.

Depois do trabalho realizado de planeamento é pertinente descrever a parte mais gratificante de um docente, que diz respeito claramente à parte da condução e realização do processo de ensino.

Quanto ao meu desempenho um dos pontos fortes diz respeito à comunicação. Transmisi as informações de forma clara e sequencial, demonstrando excelente

capacidade de comunicação e domínio dos conteúdos. Isto facilitou a própria condução de aula e também a qualidade e quantidade dos feedbacks fornecidos aos alunos.

As primeiras aulas estabeleceram, na minha opinião, uma etapa decisiva para conhecer os alunos e para ajustar o meu comportamento em função destes e dos objetivos que pretendia alcançar, marcando posições, demonstrando autoridade para que os alunos possam sentir que está ali alguém que faz cumprir regras e não os deixa transformar a aula de educação física na prática de exercício físico de recreio.

Em relação ao feedback derivado às tarefas que desempenho fora do contexto escolar, senti que numa fase inicial utilizava muito reforço positivo e que esse reforço motivava os alunos contudo não resolvia os problemas sentidos pelos mesmos. Ao longo do ano tentei sempre diversificar e adequar o feedback, tendo sempre em mente os diferentes grupos de nível bem como as suas especificidades. Ainda no que diz respeito ao feedback e propriamente ao ciclo de feedback, senti numa fase inicial do ano lectivo algumas dificuldades em completar este processo uma vez que não completava o ciclo deixando o processo a meio, observava o erro do aluno, administrava o feedback específico e depois ou não observava a nova execução ou então observava mas não era dado novo feedback. Esta dificuldade esteve relacionada com o facto de quando estava a dar feedback de forma individual sentir a necessidade de estar a observar o desempenho dos restantes alunos circulando pelo espaço de aula. Com o decorrer do ano lectivo e com um maior controlo da turma e perceção das suas características foi possível despende mais tempo no fecho do ciclo de feedback, contribuindo assim para que o aluno tivesse uma informação de retorno sobre o seu desempenho.

A condução da aula nas suas dimensões de instrução, gestão, clima/disciplina, decisões de ajustamento, constituí uma responsabilidade acrescida, pelo que é de conhecimento que a qualidade é decisiva no sucesso do processo ensino e aprendizagem.

Posto isto, associando ao âmbito da minha turma, onde a heterogeneidade é clara quer em termos de aptidão quer em termos de interesse educativo, foi naturalmente promovida uma elevação do nível de intervenção pedagógica nos diferentes domínios que irei descrever seguidamente.

### 3.3.1) Instrução

A envolvimento da comunicação verbal permite transmitir o objetivo e a forma de concretização das tarefas pretendidas, determinante para o êxito das mesmas. Assim, no que toca à informação inicial a estratégia utilizada e cumprida ao longo do ano letivo para contextualizar as aulas, passou por colocar os critérios à disposição dos alunos com a preocupação de indicar economicamente o objetivo principal, os conteúdos e as regras essenciais.

Aquando da iniciação de uma nova matéria apresentei os conteúdos principais da aula, questionando também os alunos para que estes acompanhassem o meu raciocínio e também não se dispersassem com outras situações possíveis de distração, apelando assim à sua concentração na aula, começando desde a instrução a focá-los na aula, isto porque todos sabemos que algumas turmas, também condicionadas pela hora do dia, podem surgir agitadas nas aulas de educação física porque é o local onde se podem libertar, realizando movimentos que desinibem o corpo.

A instrução foi sempre acompanhada por um estudo extensivo acerca do que iria lecionar para depois me sentir à vontade na transmissão dos conhecimentos. Utilizando a informação recolhida, procedia no contexto da aula à preleção inicial onde tentava ser o mais breve possível, sempre instruindo de forma simples e clara. Na instrução inicial da aula dei a conhecer os objetivos da mesma, enquadrando-os com a aula anterior e com a unidade didática. Procurei de forma clara numa linguagem simples e objetiva, indicar aos alunos quais os objetivos a atingir na aula e em algumas situações num determinado exercício mais complexo. Grande parte das vezes a instrução era realizada recorrendo a auxiliares gráficos que permitiram aos alunos acompanhar a minha preleção com a visualização na hora do que pretendia, ajudando assim a salientar o que pretendia com uma visualização.

Recorri invariavelmente ao questionamento como método de ensino promovendo a contextualização dos alunos na aprendizagem, valorizando o feedback interrogativo, também para relembrar as aulas anteriores, focando os aspetos onde a turma apresentava mais dificuldades, evidenciando assim os principais erros cometidos. Sempre com cuidado de procurar integrar a aula presente com a anterior, realizando a integração da matéria, reforçando assim os principais critérios de êxito.

Praticamente todas as instruções iniciais, das diferentes matérias didáticas, foram feitas no mesmo local (junto ao quadro), colocando os alunos em semicírculo, promovendo uma melhor visualização e interação.

Quanto à demonstração sempre que possível deverá ser o professor a realizá-la quando este reúna as condições e capacidades ideais para o fazer, para assim ganhar a credibilidade dos alunos, para que estes o respeitem e tenham uma boa informação visual das tarefas, justificando-se assim o controlo da demonstração. Mas quando o professor não se sente á vontade ou pretende realçar um aluno perante a turma, deve recorrer á demonstração realizada por um aluno.

Ao longo do ano utilizei esta estratégia para motivar e realçar alguns alunos da turma em diversas situações das quais destaco a abordagem à patinagem onde a maior parte das demonstrações foram feitas por mim, porque domino a matéria, mas também utilizei dois alunos para demonstrar perante a turma, sempre completando essa demonstração com os meus reforços ou correções às execuções apresentadas.

Esta dimensão fez com que identificasse algumas referências às quais me consciencializei e fui tentando cumprir, das quais destaco o questionar primeiro e direccionar a pergunta de seguida, a recorrência pertinente ao feedback pedagógico direccionando para os aspetos mais relevantes da aprendizagem e acompanhar a prática subsequente ao mesmo fechando ciclos de feedback e direccionar a riqueza informacional à turma sempre que evidenciados erros comuns.

De salientar que desenvolvi progressivamente o feedback positivo, na medida em que percebi o impacto agradável dos efeitos no empenhamento e esforço dos alunos por se sentirem apoiados.

Uma das dificuldades iniciais residiu no ciclo de feedback onde conseguia fornecer ao aluno o devido feedback mas depois não o completava, verificando se o aluno adquiria as minhas indicações e as colocava em prática. Esta é uma dificuldade que na minha opinião deriva um pouco da minha vontade em querer chegar a todos os alunos ao mesmo tempo e como os tempos de aula se tornam reduzidos tentava ao máximo estar em todo o lado. Com o evoluir do estágio e com a experiência adquirida ao longo das aulas lecionadas, fui completando o ciclo de feedback.

Este acompanhar da turma obrigou-me a ter uma circulação ativa e imprevisível no espaço da aula, mantendo sempre os alunos no meu contacto visual, ajudando-me assim a controlar os acontecimentos.

Como proposta de melhoria para o futuro, indico a procura incessante pela melhoria do meu desempenho, melhorando a qualidade do feedback através de uma pesquisa contínua nas diversas modalidades que poderei vir a abordar, principalmente no que toca ao completar o ciclo de feedback.

Pelo facto de sentir que o processo formativo jamais estará concluído, uma vez que nenhum professor se pode considerar como um produto acabado mas sim um sujeito em constante evolução e desenvolvimento, considero fundamental o investimento em formação contínua.

Na parte final da aula optei pela estratégia do questionamento e utilização dos alunos como agentes do ensino evidenciando em conjunto com a minha preleção ou com a instrução dos próprios alunos face ao feedback interrogativo.

Aqui, volto a frisar que o maior entrave à instrução, inicial e final, é o facto de nos espaços desportivos existirem inúmeras possibilidades de distração obrigando assim o professor a todo o momento ter que captar a atenção dos alunos sendo esta uma tarefa por vezes complicada.

### **3.3.2) Gestão Pedagógica**

A falta de organização gera perdas de tempo. Segundo Piéron (1996), o tempo ganho na organização pode ser utilizado na exercitação e conseqüente aprendizagem da matéria.

Quanto à gestão do tempo dei preferência ao tempo potencial de aprendizagem, pois é através dele que dei as oportunidades de aprendizagem aos meus alunos. Sendo assim, tentei arranjar estratégias que me fizessem ganhar tempo. Dava ordens simples para eles começarem uma tarefa e ia especificando-a já com os alunos em prática. Havia no entanto situações em que era importante parar tudo e ter uma conversa com os alunos acerca do que se iria abordar. Na formação de grupos de trabalho optei por utilizar alternância entre grupos homogêneos e também heterogêneos. A justificação tem a ver com o que me permitia fazer com que os alunos aprendessem melhor sem esquecer a motivação. Esta alternância também teve em conta os objetivos das tarefas, por exemplo no caso do badminton, no mesmo plano de aula tinha tarefas de cooperação e competição, nas de cooperação os grupos eram heterogêneos, na parte da competição utilizei grupos homogêneos.



Uma das dificuldades sentidas prendeu-se com o controlo do tempo numa fase inicial, pois dei comigo algumas vezes a olhar para o relógio como forma de não errar o que tinha planeado, o que levava a que não estivesse plenamente focalizado no ensino. Posteriormente e com as indicações do professor Miguel, fui-me adaptando e conseguindo gerir mais facilmente esta situação.

Na gestão pedagógica da aula, a mesma foi precavida antecipadamente, diminuindo assim os tempos de paragem, principalmente nas transições. Um dos exemplos está na distribuição de coletes por exemplo, quando os exercícios da aula envolviam a constituição de equipas ou divisão de grupos. Sendo essa divisão feita no início da aula quando os alunos chegavam verificavam qual o seu colete e de seguida preparavam-se para a preleção inicial. Aqui também saliento o aproveitamento de alunos que não realizavam aula, mas que interagiam comigo na mesma, de acordo com a sua impossibilidade, realizavam tarefas por mim solicitadas como a colocação de cones, recolha de bolas, arbitragem de jogos, entre outras tarefas relevantes.

De forma a rentabilizar o tempo foi relevante recorrer à demonstração em associação com a preleção para promover a eficácia informacional.

Para atenuar as transições entre as tarefas, desenvolvi hábitos de organização dos recursos materiais antes do horário previsto de início da aula e, automaticamente, desenvolvi um espírito de entreajuda dos meus alunos nesta tarefa pelo que me apoiaram continuamente ao chegar antecipadamente a cada aula.

Devido à minha experiência fora do contexto escolar, no âmbito do treino desportivo, este foi um dos parâmetros em que me senti à vontade, contando também com a ajuda do professor Miguel, onde as aulas eram planeadas detalhadamente, sempre com a organização das mesmas feitas de forma a otimizar o tempo.

Cada aula foi organizada/preparada antecipadamente no local da mesma, fazendo com que na altura que os alunos chegassem, todo o material necessário já estava devidamente organizado. Também coloquei atempadamente o material envolvendo os alunos que chegavam mais cedo, ou então aqueles que não iam realizar aula. Na aula e no desenvolvimento das tarefas, dispus o material de forma acessível evitando lacunas temporais e prevenindo sempre as questões de segurança.

Esta pontualidade da minha parte fez com que os alunos cumprissem com a pontualidade deles, ainda que em algumas situações dei alguma tolerância devido, principalmente à 5ª feira a turma vir de outra aula, e algumas vezes surgirem alguns atrasos não por culpa exclusiva dos alunos.

Principalmente na aula de 45 minutos, procurei rentabilizar o tempo de prática dos alunos, procurando antever e reduzir número de episódios de gestão e tempo utilizado em cada um desses episódios.

Preocupe-me em seleccionar e organizar os exercícios que tivessem uma unidade entre si, para que as transições entre eles fossem rápidas.

No que diz respeito ao local de demonstração / instrução optei na maior parte das vezes, por executar sempre no mesmo local.

Sempre que era necessário realizar grupos de trabalho/equipas afixei a sua constituição no quadro (do pavilhão), organizando as tarefas a realizar de maneira que me permitisse fornecer o máximo de atenção possível a todos os grupos.

Pelas mais diversas razões desde lesões, faltas justificadas, ou atrasos, foi feito o reajustamento do material / e dos grupos no decorrer da aula, procurando potenciar o tempo de empenhamento motor, as relações interpessoais e consequentemente a aprendizagem.

### **3.3.3) Clima/Disciplina**

Relativamente à dimensão clima /disciplina, fui-me sentindo cada vez mais à vontade no decorrer do ano lectivo. Acredito que demonstro uma capacidade muito boa de controlo dos alunos, resultante do pleno domínio das técnicas de intervenção pedagógica e de conteúdos a lecionar. Em termos de comunicação tentei ao máximo utilizar uma linguagem clara e adequada à compreensão e seu significado pelos alunos. Este é um dos itens importantes pois uma boa linguagem gera uma boa compreensão, que por sua vez acaba por gerar melhor assimilação por parte dos alunos e consequentemente torna-se facilitado o desempenho dos alunos.

A comprovar isto está o facto de ter utilizado de forma bastante frequente terminologia correta e também explicado corretamente os conteúdos e termos técnicos de modo a promover a compreensão dos alunos bem como a sua melhoria no processo ensino-aprendizagem.

Na minha opinião torna-se fundamental a criação de um clima/disciplina favorável à aprendizagem, predominando um respeito mútuo entre professor e aluno.

Como atrás indiquei, comecei com estilo de ensino do tipo comando para lhes mostrar que terão desde cedo trabalhar e respeitar o professor para atingir a nota pretendida. Mais tarde e apenas quando senti que os alunos já conseguiam ter mais liberdade sem perder a capacidade de trabalho, usei outros estilos tais como a descoberta guiada e por tarefa.

Durante todo o ano estive na aula com uma atitude de disciplinador que não aceita qualquer tipo de comportamento desviante, isto porque esta imagem desde cedo faz com que os alunos nos respeitem. O clima de aula conjugado com a disciplina surge naturalmente, havendo imposição de limites, a liberdade, a alegria dos alunos disciplina-os tornando a aula rentável e motivadora.

Esta estratégia promoveu um controlo eficaz da turma diferenciando os comportamentos apropriados e inapropriados (comportamentos fora da tarefa e comportamentos de desvio). Procurei assim reforçar o bom comportamento através da criação de regras desde o início, não deixando os alunos abusar nos seus comportamentos. Outra estratégia foi a memorização das caras dos alunos que pudessem ser mais problemáticos, sendo esta informação dada pelo respetivo diretor de turma antes do início das aulas, fazendo com que fosse precavido para determinadas situações. Em relação aos comportamentos inapropriados, quando existiram tentei sempre que possível ignorar o comportamento inapropriado, utilizar interações verbais desencorajantes, usar estratégias de correção específicas e eficazes.

A minha atitude ao longo do ano letivo foi de equilíbrio permitindo uma boa relação com os alunos, mantendo simultaneamente o respeito dos alunos entre si e pelo professor.

O clima foi valorizado com a minha interação positiva com os alunos, demonstrando entusiasmo e disponibilidade para os mesmos. Este clima foi possível com a disciplina imposta por mim, ganhando o respeito dos alunos, fazendo-os os ver quando estavam a abusar e assim pararem voltando ao que eu pretendia nas tarefas de aula.

Tal como já referi anteriormente, tive também o cuidado acrescido de manter um posicionamento correto que possibilitasse a visualização de todos os alunos, controlando à distância sempre que necessário e circulando para que a presença se fizesse sentir.

### 3.3.4) Decisões de Ajustamento

Os reajustes efetuados tiveram três indicadores de referência o plano anual, as unidades didáticas e o plano de aula.

Ao longo do ano lectivo o plano anual sofreu alguns ajustamentos provenientes de atividades e testes que foram sendo agendados. Essas alterações acabaram por provocar ajustes nas planificações elaboradas. Esses ajustes decorreram também aula após aula, ou porque o número de alunos a fazer aula era reduzido e alguns aspetos teriam de ser modificados ou porque determinado exercício não estava a decorrer como se esperava e tinha de ser alterado.

No que diz respeito ao plano de aula e às unidades didáticas, centrei-me na atenção de manter uma atitude reflexiva perante os produtos alcançados ponderando sobre as decisões didáticas em função das condições reais do ensino. Principalmente com as adaptações no decorrer da aula, desenvolvi a minha capacidade de adaptação e criatividade de forma a integrar situações sem desrespeitar os objetivos definidos para as tarefas, através do ajustamento de grupos ou da complexidade das tarefas.

Para tal contribuiu bastante a opinião dos meus colegas de estágio e os conselhos do professor Miguel, acerca de situações inesperadas que me permitiram numa próxima vez, estar precavido de inúmeras situações que pude adaptar.

Existiram algumas aulas que tive de reajustar o planeado em função da realidade encontrada na aula. Estes reajustamentos foram efetuados com base naquilo que achava pertinente modificar, de modo a garantir condições para uma aprendizagem de qualidade.

Faço também referência às observações das aulas dos outros professores estagiários e às aulas do professor orientador. Estas observações/reflexões permitiram-me encontrar soluções para alguns problemas existentes na minha turma. Posso dar o exemplo de uma situação específica de aquecimento de badminton onde após observação de uma aula de estágio, constatei que poderia utilizar essa tarefa na minha aula.

Retirei ilações positivas, modelos e estratégias a aplicar nas minhas aulas em função da observação das aulas dos colegas. Realço também a observação de um colega de outra escola que me permitiu ter contacto com outro estabelecimento e

poder comparar com a forma de trabalho adotada na minha escola, verificando assim as diferenças existentes de escola para escola.

As decisões de ajustamento foram sempre efetuadas em função de decisões de ensino que entendi serem pedagogicamente e didaticamente corretas. Tentei tomar sempre as melhores decisões, ajustando-as às condições, aos meios possíveis sempre que possível de forma criativa.

Penso que estas situações irão sendo superadas com a experiência e a prática letivas, aprendendo a criar estratégias que permitam reajustamentos corretos, simples e rápidos.

### **3.5) Avaliação**

A avaliação é um processo, tal como indica Tyler (1942), que visa estabelecer até que ponto o objetivo educativo está ou não a ser alcançado.

Na minha opinião a avaliação tem uma importância relevante no contexto do desempenho educativo principalmente em cada matéria lecionada, pois é um instrumento onde se verifica o trabalho desenvolvido e empenho do aluno ao longo de cada unidade, matéria ou período.

É importante avaliar para informar o aluno sobre a qualidade do seu desempenho escolar para que um professor tenha condições de reajustar o planeamento e as situações de aprendizagem sempre que necessário. Também para o professor a avaliação pode ser uma forma de autoavaliação do seu trabalho, pois consoante os resultados obtidos este pode analisar a sua atuação como sendo correta ou não e definir se o rumo a seguir é o que estava inicialmente planeado.

Pronunciando sobre os conhecimentos adquiridos nos momentos de avaliação pelos vários ensaios no preenchimento de instrumentos de medida, senti um maior conforto no rigor dos procedimentos. Fundamentalmente foram adquiridas por mim competências de observação, de síntese dos dados recolhidos e consequente, transformação em informações capazes de apoiar decisões pedagógicas ao encontro da melhoria da prestação dos alunos. Acredito que o estudo prévio do conhecimento da turma, dos alunos, delineou o ato avaliativo, num caminho para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem mais eficiente, assente na ideia de avaliar para formar.

Apesar disto, continuo com a opinião que o ato avaliativo é bastante subjetivo, porque ao utilizar a observação, mesmo delineando os critérios avaliativos, cada ação avaliativa torna-se subjetiva devido às diferentes interpretações de cada sujeito. Quero com isto dizer que ao observar uma tarefa posso achar que o aluno está a ter um bom desempenho mas se esta tarefa for observada por outro professor ao mesmo tempo, este poderá achar que o desempenho não seja assim tão bom. Para uma uniformização deste processo, é a meu ver necessário que cada vez mais haja debate nas escolas, principalmente nos departamentos de educação física, de forma a se poder tentar encontrar um consenso, o mais unânime possível sobre os processos avaliativos, porque esta é uma disciplina onde a observação é o principal meio de avaliação direta dos alunos, ao contrário das outras disciplinas em que são mais valorizados os documentos resultantes de produtos escritos, tais como trabalhos individuais ou de grupo, fichas de trabalho ou testes escritos, não descorando o facto de estes também serem importantes na nossa disciplina.

### **3.5.1) Avaliação Diagnóstica**

Este tipo de avaliação pretende, tal como indica Ribeiro (1999), apurar a posição dos alunos relativamente a novas aprendizagens que irão ser propostas com base nas aprendizagens anteriores, perspetivando assim dificuldades que surjam no presente ou em situações futuras. Estas conclusões serão a base para as decisões posteriores através da adequação do ensino às características dos alunos.

Tal como indiquei no início deste tópico existe uma ligação entre as atividades de ensino aprendizagem. A avaliação diagnóstica influenciou diretamente as questões relativas ao planeamento letivo, isto porque, esta avaliação foi determinante em todo o processo ensino-aprendizagem pois foi através dela que delinee as estratégias que achei conveniente para que os alunos alcançassem sucesso.

O facto de realizar esta avaliação no início do ano letivo ajudou-me a ter um panorama geral da turma nas diversas matérias escolhidas. Penso que esta foi uma estratégia proveitosa porque me ajudou a delinear as melhores estratégias.

No entanto, o facto de esta avaliação ter sido feita no início do ano não tem em conta a possível aquisição por parte dos alunos de competências e experiências proporcionadas por algumas matérias que poderão ajudar na aprendizagem de

outras. Esta possível aquisição por parte dos alunos é incerta, como consequência a segunda aula da unidade didática poderá funcionar como uma introdução de conteúdos e ao mesmo tempo retirar algumas dúvidas que possam ter ficado na primeira aula em alguns alunos, levando assim a reajustamento ou confirmações dos objetivos delineados.

Após a escolha das matérias a lecionar, durante as cinco primeiras semanas, foi realizada a avaliação diagnóstica de todas as matérias escolhidas para a turma, sendo também realizado durante estas semanas, a bateria de testes do Fitnessgram.

Para a realização desta avaliação, concluo que é essencial elaborar um conjunto de documentos essenciais para a extração de informações pertinentes na posterior tomada de decisões. Assim, o núcleo de estágio em trabalho de colaboração e debate elaborou as grelhas de avaliação inicial em cada matéria, propondo também a escolha dos exercícios a executar.

Esta proposta de exercícios acaba por se tornar quase um tiro no escuro, porque não sabemos qual vai ser o desempenho dos alunos, correndo sempre o risco, tal como referi na reflexão sobre os planos de aula, se ambicionar demasiado nos exercícios propostos corro o risco de ter que passar a aula a realizar ajustamentos, como tal penso que a melhor solução será procurar seleccionar exercícios simples, que me indiquem se os alunos cumprem os requisitos básicos de cada matéria, mesmo podendo tornar o plano de aula demasiado fácil, tratando-se apenas de uma avaliação diagnóstica ainda tenho tempo suficiente de nas aulas seguintes poder aumentar o grau de complexidade caso seja necessário.

Também como já referi anteriormente, além da experiência que pode ser um meio facilitador na construção do plano de aula para a avaliação diagnóstica, a reflexão no final da aula é essencial, pois vai ser nela que me vou basear para escolher os objetivos que quero atingir.

Uma última sugestão que posso indicar prende-se com a documentação de informações por parte dos professores. Isto é, no final de cada ano letivo poderia haver um dossier, por exemplo, com as informações acerca dos alunos nos anos anteriores. Sei no entanto que não é fácil reunir estas informações, visto que principalmente na transição de ciclo (do 6º para o 7ºano), os alunos convergem para uma turma vindos de várias turmas diferentes, sendo por isso difícil e exaustivo reunir este conjunto de informações que são na minha opinião essenciais para

professores estagiários, com pouca experiência que têm de recorrer constantemente às informações e conhecimentos do respetivo orientador da escola, sendo este o único que poderá conhecer o trabalho realizado.

### **3.5.2) Avaliação Formativa**

Tal como todas as atividades de ensino aprendizagem estão ligadas, todas as formas de avaliação também o estão, formando assim um processo contínuo com o objetivo de avaliar o desempenho dos alunos e do professor.

Este tipo de avaliação como refere Bloom (1971), abrange procedimentos usados pelo professor para adaptar a sua ação em função das indicações dadas pelos alunos.

A avaliação formativa concretiza-se com duas formas de regularidade: contínua ou pontual, intercalar e final, todas fundamentais na sua concretização. A avaliação contínua no sentido de permanente, existe muitas vezes de forma implícita com um carácter informal e não de forma instituída, isto é, não organizada de forma deliberada e sem critérios explícitos, pelo que a avaliação formativa pontual, formalmente organizada, é um modo decisivo de recolha de informação para a regulação do processo de ensino-aprendizagem. Estas diversas modalidades não se excluem mutuamente.

Durante este ano lectivo esta forma de avaliação foi maioritariamente desenvolvida de forma contínua, fornecendo assim parâmetros para observar se os objetivos, conteúdos e metodologias estavam a ser adequados para os alunos em causa.

Existiu também durante a unidade didática de basquetebol a recorrência à avaliação formativa pontual, que me revelou no caso do lançamento na passada que alguns alunos poderiam avançar para o lançamento na passada do lado fraco, mas na parte das ações táticas ainda existiam algumas limitações tanto no jogador com bola, como no jogador sem bola.

Tendo em conta o tipo de planeamento utilizado com pequenos blocos de matéria que não ultrapassavam as três semanas, acabo por formular a opinião de que a realização de uma avaliação formativa pontual tem interesse principalmente nas matérias que são abordadas muito tempo depois da avaliação diagnóstica. Isto é, ao



realizar a avaliação diagnóstica no início do ano e só abordando essa matéria a meio do 2º período, por exemplo, com o desenvolvimento das capacidades dos alunos nas matérias anteriores, poderei ter que estabelecer novas metas. Essas serão constatadas realizando este tipo de avaliação, conseguindo assim observar se existe ou não a necessidade de poder alterar ou continuar com o que planeei para a turma ou para um grupo de alunos.

Mais uma vez apelo para o facto deste planeamento de rotação de três semanas me condicionar no número de aulas o que condiciona desde logo a realização de uma avaliação formativa pontual, isto porque, apesar de ser uma aula de avaliação, nunca se deve descurar do sentido formativo e do processo de ensino aprendizagem de cada aula, era uma aula que me iria condicionar na minha intervenção, pois teria que observar mais pormenorizadamente cada aluno numa determinada tarefa, retirando-me assim momentos de intervenção, o que a meu ver era essencial na minha turma porque tinham algumas dificuldades na generalidade da turma.

Aqui também é necessário apelar à ética profissional do professor perante os alunos, porque se trata de uma avaliação que possui um carácter sistemático e contínuo sendo assim da responsabilidade conjunta do professor em diálogo com os alunos e outros professores. Não se trata no entanto de uma avaliação simplesmente informal e permanente. A sua planificação deve permitir a existência de momentos organizados de avaliação formativa, devendo planear-se espaços temporais para averiguar os resultados obtidos, recolhendo informações com regularidade acerca do processo de aprendizagem.

A meu ver a prática pedagógica é indissociável da avaliação formativa pelas funções indispensáveis quer de regulação das aprendizagens que determinam se os conteúdos estão a ser adquiridos, quer da redefinição de objetivos operacionais se as características dos alunos o exigirem determinando erros do processo.

Evidentemente que para o aluno a função desta conceção permite fornecer dados para que ele compreenda o seu próprio processo de aprendizagem e o funcionamento das suas capacidades cognitivas subjacentes na resolução de problemas.

Durante as aulas foram avaliados aspetos relativos às atitudes como a responsabilidade, motivação, cooperação e empenho que se refletiam no comportamento do aluno, na pontualidade, na assiduidade e na participação nas

atividades. Foram ainda avaliados aspetos relativos à competência do conhecimento, como o reconhecimento das regras de segurança, do equipamento e material, e das componentes críticas dos vários elementos, por meio de questões colocadas no decurso das aulas.

A concretização prática desta avaliação na sua vertente contínua consistiu na observação direta de carácter global, procurando indicadores que fornecessem informação suficiente acerca das lacunas e dificuldades de aprendizagem. Estas informações eram posteriormente colocadas numa grelha e feito um registo semanal relativamente à pontualidade, participação e comportamento dos alunos, bem como aos conhecimentos que estes demonstravam quando questionados e também ao desempenho motor nas tarefas propostas.

Fazendo já a ligação com o tópico seguinte, estes dados ajudaram-me também a formular uma opinião acerca do desempenho dos alunos e quando chegava à aula de avaliação sumativa, já tinha dados para poder confirmar ou alterar, conseguindo assim promover a minha intervenção neste tipo de aulas não me remetendo apenas a observar e registar os dados observados.

Por fim as reflexões do meu desempenho no final de cada aula, unidade didática e período contribuíram de forma significativa para a minha evolução, porque com estas reflexões verifiquei o que fazia corretamente e incorretamente, aproveitando o que era bem feito e corrigindo o que era menos bom.

### **3.5.3) Avaliação Sumativa**

Esta avaliação traduz-se num juízo globalizante sobre o desenvolvimento dos conhecimentos e competências, capacidades e atitudes do alunos, tendo lugar em termos regulamentares obrigatórios, no final de cada período lectivo, no final de cada ano e de cada ciclo de ensino, podendo, também, ter lugar no final de uma ou várias unidades temáticas que interessa avaliar globalmente.

É também de extrema importância na medida em que serve como um ponto de partida para a aquisição de um maior desempenho do professor, uma vez que se este fizer uma reflexão crítica, poderá ver o que de melhor ou pior se verificou no processo ensino-aprendizagem.

Uma das opções da prática adquirida e de sugestões partilhadas que me auxiliou bastante nessa tarefa, volto a frisar porque considero muito importante, foi o facto de preencher antecipadamente as grelhas de avaliação sumativa a partir das informações da avaliação formativa e do conhecimento profundo das características e capacidades dos alunos, facilitando a observação e registo nas aulas de avaliação pois estive mais atenta aos alunos em que apresentava algumas dúvidas.

Com a avaliação sumativa pretendia avaliar o progresso realizado pelos alunos ao longo da unidade didática. Através dos resultados obtidos verificava se os objetivos propostos para as matérias tinham sido ou não alcançados. Em todas as avaliações sumativas realizadas tive o parecer do professor Miguel que me ajudou na elaboração das mesmas, procurando sempre retirar o máximo proveito das capacidades dos alunos tentando beneficiar não só a sua evolução ao longo da unidade didática como os resultados atingidos no final da mesma.

A avaliação logicamente que foi desenvolvida num referencial criterial, ou seja, comparando o desempenho dos alunos com critérios previamente definidos.

A elaboração dos critérios das tarefas das aulas como das avaliações, que se constituem como os objetivos que os alunos terão que alcançar, foi feita em grupo permitindo a partilha, a discussão das informações e opiniões de cada um chegando a um consenso entre todos, contribuindo assim para o aperfeiçoamento desses critérios.

Mais uma vez a subjetividade inerente a este processo vem ao de cima e como tal tendo em conta as dificuldades sentidas na avaliação, visto ser este, um processo que exige muita responsabilidade e seriedade, a maior dificuldade foi em conseguir distinguir alguns alunos, isto porque, como estou condicionado aos níveis de 1 a 5, torna-se mais difícil distinguir os alunos porque a cotação não é tao abrangente como por exemplo com uma escala de 1 a 20 muito mais diversificada.

Além do desempenho motor do aluno foram também valorizadas nesta avaliação sumativa, todas as componentes avaliativas definidas por esta escola. Saliento também a realização de testes formativos com consulta, realizados em casa e entregues na data definida por mim. Cada ficha incluía questões acerca das matérias abordadas até ao momento da sua aplicação. Assim pude indiretamente suscitar o interesse dos alunos sobre as matérias e enriquecer também as suas aprendizagens com esta obrigatoriedade de pesquisa autónoma fora do contexto da

aula, rentabilizando assim o tempo prático de aula, deixando a parte teórica para a consolidação extra aula através da realização destas fichas de trabalho.

Esta avaliação sumativa pretendeu também desenvolver o espírito reflexivo dos alunos, sendo proposto aos mesmos no final de cada período uma autoavaliação, o que a meu ver é importante para que os alunos façam uma retrospectiva do trabalho por eles desenvolvido, obrigando-os assim a dar importância a esta disciplina e conseqüentemente ao seu desempenho.

Reportando para a parte pessoal do professor, esta avaliação acaba também por retratar um pouco do trabalho desenvolvido por mim, fazendo-me tentar perceber se o desempenho dos alunos foi ou não o que era esperado alcançar, refletindo sobre o que correu bem e mal de modo a poder aperfeiçoar o meu desempenho enquanto docente.

Num futuro próximo, a aposta na formação e aprofundamento do conhecimento sobre a temática da avaliação é uma vertente em que pretendo apostar, pois considero a avaliação como um dos principais motores do processo de ensino aprendizagem, tentando ao máximo por muito que seja difícil reduzir o grau de subjetividade inerente a este processo.

### **3.6) Componente Ético – Profissional**

A ética profissional define-se pelo conjunto de todas as normas de conduta, que o profissional deverá colocar em prática no exercício da sua profissão. Por isso, ao assumir a sua profissão, o profissional está a assumir também a responsabilidade que resulta da sua prática.

Tanto durante este estágio pedagógico como durante o dia-a-dia fora da escola, quando me envolvo e me entrego a algo, reajo às situações de forma profissional e pessoal. Privilegiando quase sempre o coletivo ao individual, apelando ao trabalho do grupo em equipa, estimulando, motivando, partilhando saberes, métodos e perceções que me enriquecem no desempenho das minhas funções. Esta característica fez parte da minha forma de ser durante este ano lectivo, sentindo e vivendo esta sensação no plural em colegialidade e com cumplicidade com os meus colegas, com os professores e assistentes operacionais e com os meus alunos, no

sentido da melhoria da qualidade do processo de ensino aprendizagem. Sempre ouvindo e sendo ouvido, respeitei opiniões e sugestões, quer dos colegas estagiários quer dos outros professores do núcleo.

No meu caso enquanto professor ao comprometer-me com a aprendizagem dos alunos devo respeitar todas as normas ético-profissionais, ou seja, perante os alunos, devo exercer as atividades com justiça, competência, responsabilidade e honestidade.

É importante manter-me sempre atualizado prolongando os meus conhecimentos técnicos, científicos e culturais, tudo em benefício da profissão que exerço.

Ao comprometer-me com estas normas também sou obrigado a responsabilizar-me por eventuais falhas cometidas nas atividades profissionais, independentemente de estas terem sido praticadas de forma individual ou em grupo.

Estive sempre disponível para os alunos e para a escola em ações desenvolvidas em contexto de sala de aula e também fora desse contexto, de forma empenhada e participativa.

Valorizei sempre as práticas e dei as mesmas oportunidades a todos para que pudessem obter sucesso. Outro pormenor fundamental no meu desempenho profissional diz respeito à transmissão de informação ao aluno. Informei sempre os alunos das normas e regras a cumprir, do que se pretendia realizar, como realizar e o porquê de realizar.

O conhecimento da realidade familiar dos alunos facilitou as escolhas de estratégias de ensino, porque verifiquei que alguns deles manifestavam problemas familiares, os quais poderiam ser a causa de comportamentos de desvio. Como refere Cunha (2008), sendo importante que o professor tenha capacidade de intervir na escola estimulando a interação com a comunidade, atuando assim nos vários contextos da ação educativa.

Perante a heterogeneidade de alunos da turma, adaptei sempre o ensino mediante as diferentes evoluções dos alunos, apresentando-me sempre disponível para compreender e ajudar nas dificuldades de cada um, porque assim consegui extrair dos alunos o que delinieie previamente. Usando também o diretor de turma, por este ser uma fonte próxima dos alunos, de forma a poder receber informações, que poderiam ser úteis no desempenho das minhas funções. Esta foi uma boa opção porque me permitiu previamente, antecipar situações que poderiam condicionar o bom funcionamento da aula e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos.

### 3.6.1) Importância do Trabalho Individual e de Grupo

Seguindo a norma invocada por Arends (1995), onde o longo e complexo percurso de aprendizagem do que é ser professor, engloba uma imensidão de desafios e emoções, salienta a importância do trabalho individual e de grupo. Aqui optei por, em equipa, respeitar as opiniões e propostas do núcleo de estágio, do orientador e do departamento, realizando eficazmente as ações inerentes à escola e ao estágio, isto porque assim desenvolvi o meu espírito crítico e reflexivo, aumentando assim a minha experiência e principalmente a visão de vários cenários invocados por diversas perspetivas acerca de um mesmo tema, aumentando o leque de conhecimento e fazendo com que a minha opinião ganhe sustento e direção. Assim enquanto grupo devemos sempre ouvir o que os outros têm a dizer e depois construirmos as nossas ideias juntando ou melhorando as opiniões que já tínhamos formado. Como tal o trabalho de equipa é visto como fator determinante alcançar o que pretendemos.

Consciente que um bom funcionamento de grupo dependeria em grande parte do relacionamento dos diferentes elementos, tendo presente que este ano lectivo seria rigoroso, tinha expectativas que o núcleo de estágio funcionasse da melhor forma para atingir um objetivo comum: a qualidade de ensino. Contudo, o trabalho que deveria ter sido resultado da interação, cooperação e dedicação de todos os seus intervenientes, reduziu-se ao esforço acrescido de alguns e não de todos. De salientar, que à parte das boas relações interpessoais e das condições profissionais que alguns membros tinham, a partir do momento em que se cria um compromisso com a comunidade educativa, com as tarefas de estágio, há que se unir esforços para cumprir com a ética profissional. Para tentar ultrapassar esta dificuldade optei por, quando se tratava de trabalhos de grupo, chegar-me à frente, dando a cara, motivando e incentivando os meus colegas de estágio, porque alguém se tinha que chegar à frente, alguém tinha que liderar, sendo esta uma característica minha baseada no pressuposto de que para aprender é preciso vivenciar, errando ou acertando contribui para o enriquecimento das minhas capacidades.

Para se ser um bom agente de desenvolvimento pedagógico é necessário oferecer possibilidades, criar condições de desenvolvimento pessoal e profissional. Se aos

nossos alunos garantimos atividade física pedagogicamente orientada para a realização dos efeitos globais de formação, então devemos pensar que também a nós, enquanto professores, devemos garantir uma perspectiva de desenvolvimento. Saliento com isto a relevância do trabalho individual, da adoção de uma postura autorreflexiva para reduzir dificuldades e potenciar as facilidades.

Depois das experiências vividas durante este ano lectivo, concluo que o estagiário deverá sempre fazer as suas reflexões individuais e adaptá-las à especificidade das suas tarefas a desempenhar.

Trabalho a tempo e horas, ou seja, todas as tarefas devem ser bem pensadas e planeadas previamente. Caso isto aconteça, dificilmente aparecerão contrariedades que ponham em causa a tarefa. Se essas causas eventualmente aparecerem, podemos estar de consciência tranquila pois fizemos tudo dentro do possível para uma boa atividade.

Este deve ser um trabalho realizado diariamente e é a base de apoio para conseguir realizar um bom estágio pedagógico.

A calendarização e a planificação são fundamentais neste campo e todas as tarefas devem ser realizadas dentro dos prazos previstos. Só assim se conseguirá cumprir com todas as obrigações como profissional e como estagiário.

### **3.6.2) Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade**

Ao longo do ano lectivo a minha atitude transpareceu uma postura responsável com todos os agentes de ensino com quem tive o privilégio de interagir. De salientar, que mantive uma postura consensual em tomar a iniciativa constante para desenvolver as tarefas de ensino no contexto de estágio pedagógico, individual e coletivamente, tal como já referi anteriormente. Para tal, cumpro com as exigências impostas pelo contexto escolar e pela formação especializada de prática profissional, sendo assíduo, pontual estabelecendo relações de cordialidade com os alunos, restantes professores e funcionários. Acima de tudo, pretendi responsabilizar-me pelos produtos alcançados pelos meus alunos e tomei a iniciativa própria para redefinir a minha ação se os mesmos não traduziam as expectativas iniciais já adaptadas às características individuais.

Surgiram muitas situações, que apenas os estagiários com capacidade de iniciativa, desenvolveram certas competências de professor de educação física importantes para a nossa profissão.

A capacidade de iniciativa também pode ser vista como a vontade do estagiário preparar-se devidamente antes de realizar as suas tarefas, estudando, procurando ao orientador por orientações, refletindo e no final e mais importante que tudo, decidindo, atuando.

Apresentei um bom domínio de conhecimento geral e específico, no âmbito científico da profissão e quando por qualquer razão sou questionado sobre um assunto que não tenho a certeza, certifico-me em pesquisar e obter uma resposta válida.

Relativamente ao material desportivo, foi sempre minha preocupação mantê-lo nas melhores condições, inventariando todo e qualquer material danificado e/ou inutilizado. Assim e seguindo esta norma, consegui transmitir esta conduta aos alunos de modo a poderem compreender a importância da correta utilização do mesmo.

Concluindo, o trabalho por mim exercido envolve não só os alunos, mas uma comunidade inteira, logo também deverei colocar os meus serviços profissionais à disposição da comunidade sempre em prol dos deveres profissionais e nunca para retirar vantagens pessoais.

Pessoalmente apesar de achar que correspondo positivamente nos parâmetros essenciais, sinto que esta é uma área que pode ser mais aprofundada na formação relativa a conteúdos ético-profissionais e como tal pretendo ultrapassar esta dificuldade, investindo nesta área para melhorar a minha formação.

Por último, o agir profissional engloba uma etapa paralela à dimensão intervenção pedagógica que tem que ver com a estruturação do dossier de estágio ao qual tive o cuidado de o manter atualizado para, conseqüente, melhoria da minha competência, evidenciando assim, o tempo e disponibilidade que dei ao estágio, sendo estes uma evidência do compromisso e dedicação que tive para com o estágio no geral e a turma em especial.



#### 4) APROFUNDAMENTO DO TEMA/PROBLEMA

Tal como Gomes (1994) refere, baseando-se nos dados fornecidos pela *European League Against Rheumatism* (ELAR), o diagnóstico na população infantil indica que a Artrite Idiopática Juvenil (AIJ) é a patologia reumática inflamatória crónica mais frequente.

A criança e o adolescente com AIJ, previamente chamada de artrite reumatoide juvenil, têm como quaisquer outros alunos, direito a um programa de educação público adequado e gratuito num meio de aprendizagem o mais apropriado possível, que responda às suas necessidades educativas e ao seu ritmo e estilo de aprendizagem. Assim tanto a escola como especialmente o professor devem estar preparados para dar uma resposta eficaz à problemática do aluno com AIJ de acordo com as suas características. então necessário conhecer de forma aprofundada a situação problemática, contextualizando-a no meio escolar e social, assim como as características do aluno em causa, o meio em que habita, as condições sócio económicas do seu agregado familiar, a realidade em que este vive e o seu quotidiano.

É perante este panorama, no âmbito do estágio pedagógico que apresento resposta a uma das tarefas a desenvolver no presente ano lectivo que diz respeito mais especificamente ao estudo de caso.

Este estudo teve o intuito de conhecer melhor uma aluna da minha turma portadora desta doença, procurando conhecer os fatores psicológicos, sociais e familiares que enquadram a sua vida e a sua interdependência nas tarefas da turma, principalmente nas aulas de educação física.

Procurei objetivamente numa primeira fase fazer uma pesquisa exhaustiva sobre esta temática em conjunto com o conhecimento do processo relativo a esta aluna, conhecendo assim as suas particularidades.

Posteriormente, procedi à organização de um conjunto de estratégias para uma melhor integração desta aluna nas tarefas da turma, tentando atingir resultados de progressão e evolução na disciplina de educação física.

Este tipo de trabalho tornou-se útil para mim enquanto professor desta aluna e também para a própria aluna, pois assumiu-se como uma possível ajuda na compreensão, interação e antecipação de situações que possam advir na lecionação das aulas de educação física.

Pretendi então que com este trabalho fosse possível aprofundar o meu conhecimento em relação à realidade da AIJ em contexto escolar e acima de tudo compreender e conhecer melhor a aluna, estudando quais as suas principais dificuldades bem como o porquê de algumas das suas atitudes/comportamentos de forma a poder contribuir de um modo mais eficaz para a sua formação no âmbito da disciplina de educação física e conseqüentemente na sua integração social.

#### **4.1) Revisão da Literatura**

##### **4.1.1) Definição**

Após a pesquisa por mim realizada acerca desta temática, constatei que existem várias definições de vários autores sobre o que é afinal a artrite reumatoide.

Suportado nas declarações de Klippel (1998), este indica que existem mais de cem doenças reumáticas que causam dor, inchaço e rigidez afetando não só as articulações mas também outros órgãos internos do corpo humano.

Já para Fernandes (1998), Rothenberg (1981) e Souza (1998) a artrite reumatoide é uma doença inflamatória crônica, sistêmica ou degenerativa de uma ou várias articulações, iniciando-se em idade jovem e atingindo três vezes mais as mulheres do que homens.

Zegarelli (1981) define esta patologia como sendo característica do envolvimento inflamatório progressivo das estruturas articulares, iniciando-se na membrana sinovial e estendendo-se às superfícies articulares.

Em suma, a doença reumatoide afeta principalmente as estruturas articulares, mas poderá também provocar uma agressão visceral e de outros tecidos tais como pulmões, pleuras, vasos e nervos.

### 4.1.2) Etiologia e Frequência

Tendo em vista as várias definições analisadas, os autores são unânimes, já para os fatores causais não. Como tal passo a enunciar algumas possibilidades que se tornam importantes de forma a poder mais à frente analisar a minha aluna.

Para Souza (1998), esta doença tem origem em três possibilidades: fatores genéticos, anormalidades no sistema imunitário ou uma infecção microbiana aguda ou crónica.

Já para Klippel (1998), as causas ainda estão sob investigação, apesar de poder estar relacionado com a combinação de fatores genéticos, influência de algumas hormonas ou até de fatores ambientais. Devido a esta doença ser mais comum em mulheres, como já foi dito anteriormente, isto resulta numa maior suscetibilidade à doença do género feminino por causa das suas hormonas.

Tanto para o autor anterior, como para Rothenberg (1981), a causa não é conhecida e não relatam as possíveis causas.

### 4.1.3) Variantes da Artrite Reumatoide

São inúmeras as variantes da artrite reumatoide, mas para este caso, vou incidir principal destaque na Artrite Reumatoide Juvenil (ARJ).

A ARJ é uma doença conhecida desde o século XIX. Inicialmente conhecida como "*la goutte asthénique primitive*", foi distinguida posteriormente da febre reumática, da gota e da osteoartrite, recebendo o nome de artrite reumatoide.

Tal como indica Salgado (2004), baseando-se nos consensos determinados pela *International League of Associations for Rheumatology* (ILAR), o diagnóstico de ARJ é feito na presença de artrite em qualquer articulação, com duração superior ou igual a seis semanas, com aparecimento antes dos 16 anos de idade e excluídas outras causas de artrite crónica.

Mas como indica Machado e Ruperto (2005), considera-se remissão clínica com medicação quando a criança está há pelo menos seis meses sem sinais ou sintomas, a fazer medicação de fundo e remissão clínica sem medicação quando há pelo menos doze meses sem sinais ou sintomas.

#### 4.1.4) Classificações

Em 1993, o *International League of Associations for Rheumatology* (ILAR) criou um grupo internacional de reumatologistas pediátricos com o fim de se criar uma nova classificação para a doença. O objetivo do trabalho seria alcançar homogeneidade entre as categorias, facilitando a comunicação entre os profissionais, tanto clínicos quanto pesquisadores, com conseqüente melhora dos cuidados aos pacientes. Para tal foram propostas sete categorias: Artrite sistêmica, para as crianças com artrite em qualquer número de articulações com confirmação de febre quotidiana durante pelo menos duas semanas e pelo menos uma das características seguintes: *rash* típico, linfadenomegalia generalizada, hepato e/ou esplenomegalia, serosite; Oligoartrite (persistente ou estendida), em que a artrite afeta quatro ou menos articulações nos primeiros seis meses de doença. Se o número de articulações atacadas nunca ultrapassa quatro, utiliza-se o termo *oligoartrite persistente*. Se após os seis meses iniciais de doença o total de articulações atacadas ultrapassa quatro, utiliza-se o termo *oligoartrite estendida*; Poliartrite, fator reumatoide negativo para a artrite a afetar cinco ou mais articulações com a pesquisa de fator reumatoide persistentemente negativo; Poliartrite, fator reumatoide positivo para artrite em cinco ou mais articulações nos primeiros seis meses de evolução da doença, com pesquisa de fator reumatoide positivo em pelo menos duas ocasiões, com, no mínimo três meses de intervalo; Artrite psoriásica definida como artrite associada a psoríase ou como artrite associada a pelo menos duas das características seguintes: dactilite; alterações ungueais; história familiar de psoríase confirmada pelo dermatologista em pelo menos um parente de primeiro grau. A presença de artrite sistêmica ou pesquisa positiva para o fator reumatoide exclui o paciente desta categoria; Artrite relacionada a entesites definida como artrite e/ou entesite associada a pelo menos duas das características seguintes: dor de articulações sacroilíacas, dor lombar inflamatória ou ambos; presença de HLA B27; história familiar, confirmada por médicos, de doença associada ao HLA B27; uveíte anterior aguda; doença de início após os oito anos de idade. Pacientes com psoríase ou história familiar de psoríase confirmada por dermatologista em parente de primeiro ou segundo grau devem ser excluídos desta categoria; Outras artrites que incluem

doenças nas quais, por alguma razão, não se preenchem critérios para uma categoria específica ou então estão reunidos critérios para mais que uma categoria.

#### **4.2) Quadro Clínico da Artrite Reumatoide Juvenil**

Os sintomas de rigidez matinal após inatividade prolongada e dor noturna são, encontrados tão frequentemente na ARJ quanto na artrite reumatoide do adulto. A criança no entanto, não comunica estes sintomas diretamente e a sua presença é apenas presumida pela observação dos pais ou outros responsáveis. Por vezes a doença apresenta-se através de irritabilidade excessiva, recusa em andar, fadiga, anorexia, baixo grau de febre, retardo no crescimento ou regressão psicológica.

Neste caso específico trata-se de uma aluna com artrite reumatoide juvenil oligoarticular.

A ARJ é de longe a causa mais comum de oligoartrite, especialmente em meninas com menos de seis anos de idade. A espondilite anquilosante juvenil é a causa de oligo ou mono artrite em crianças ou adolescentes.

Em pelo menos 60% das crianças com ARJ a doença manifesta-se, nos seus primeiros seis meses de evolução por inflamação leve a moderada de quatro ou menos articulações. A oligoartrite de crianças é, predominantemente uma doença das extremidades inferiores do corpo. Os joelhos são as articulações predominantemente atacadas, seguidas dos tornozelos e cotovelos.

Nesta forma de apresentação, os sinais de doença sistémica não existem e, exceto pela uveíte crónica, as manifestações extra-articulares são raras.

Na uveíte, a inflamação do trato uveal, é uma importante manifestação presente em algumas crianças com doenças reumáticas. Entre elas, a associação entre uveíte anterior assintomática e ARJ é especialmente relevante numa entidade em que não há semelhança com a doença do adulto. Apresenta-se classicamente por uveíte anterior crónica bilateral num olho aparentemente sem processo inflamatório. É bilateral em 75% dos casos com acometimento ocular simultâneo ou num curto período de tempo. É quase sempre assintomática até que a lesão das estruturas intraoculares ocorra. Pode ser detetada inicialmente numa visita de rotina ao oftalmologista ou pode ocorrer a primeira manifestação numa pupila irregular como

resultado de sinequias posteriores. Também pode, ocasionalmente, manifestar-se por hiperemia ocular.

### **4.3) Caraterização Informacional da Aluna**

#### **4.3.1) Caraterização da Aluna**

Estes dados foram obtidos através da análise das respostas dadas pela aluna, nos questionários de início do ano referentes à direção de turma e também os questionários aplicados na disciplina de educação física. As informações que passarei a enunciar de seguida são as que considero ser mais relevantes para este estudo.

A aluna com 13 anos de idade habita numa localidade pertencente ao concelho da Mealhada, com o pai e a mãe. Em termos de saúde é uma jovem com dificuldades de visão, assim como ausência de restrição aparente no que diz respeito à audição e a alergias. Segundo a mesma, dorme em média por dia cerca de 9/10 horas.

A nível do estudo/educação, apresenta uma retenção letiva (7º ano, no ano letivo passado), é uma aluna que considera a educação física muito importante, e considera como médias as condições que esta escola dispõe para a prática desta disciplina. É portanto uma aluna que gosta muito desta disciplina apesar de ter obtido uma nota mediana (três valores) no último ano letivo.

Relativamente às matérias abordadas no ano letivo anterior esta aluna assinala o voleibol, escalada e patinagem como as matérias que menos gostou de praticar.

No contexto da educação física é uma aluna que gosta de realizar atividades que envolvam saltar corda, dar toques na bola e driblar a bola.

É uma aluna que do ponto de vista da prática desportiva não apresenta um histórico de participação, isto é, segundo a mesma, nunca esteve ligada a nenhuma modalidade, mas gostava de poder participar em atividades que envolvam a dança.

No âmbito escolar, no ano transato anterior, participou nas atividades mega salto e mega km, organizados pelo núcleo de estágio desta escola.

Por fim, como atividades físicas realizadas no tempo livre fora da escola, esta aluna indica o andar de bicicleta e de trotinete, como as principais atividades realizadas.

### 4.3.2) Informação Clínica

A aluna é seguida na consulta de reumatologia pediátrica desde 12/05/01 por Artrite Idiopática Juvenil oligoestendida.

O início da doença foi em Abril de 2001 (2 anos de idade) com artrite do joelho direito que só melhorou após infiltração articular (antes da infiltração fez anti-inflamatório). Em Janeiro de 2003 surgiu artrite contralateral no joelho esquerdo que melhorou após infiltração articular. Em Outubro de 2003 novamente artrite do joelho direita e também da e tibiotársica direita, com melhoria após infiltração (mas parcial na tibiotársica direita).

Nesta altura as queixas eram sobretudo de claudicação intermitente de predomínio matinal.

Em Abril de 2005 recidiva com envolvimento poliarticular de grandes (joelhos, tibiotársicas, cotovelos e punho esquerdo) e pequenas articulações (incapacidade em fletir os dedos das mãos). Nesta altura a AIJ passou a ser designada oligoestendida e iniciou terapêutica com metotrexato. Nos anos seguintes foi mantendo alguma atividade de doença (com maior ou menor repercussão funcional) envolvendo além das articulações já descritas a anca esquerda e cotovelo esquerdo, além dos dedos das mãos. Em Outubro de 2007 apresentava artrite do punho direito, sendo efetuada infiltração.

Em Julho de 2009 passa o metotrexato que faz em comprimidos para a via subcutânea por intolerância gastrointestinal (vómitos). Em Abril de 2011 por deformidade redutível das interfalângicas proximais dos 4<sup>os</sup> dedos das mãos, com flexo de 20°, iniciou terapia ocupacional e talas de posicionamento noturno, com melhoria mantendo alguma tendência para extensão das 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> interfalângicas distais. Parou este ano.

O outro problema desta doença é o envolvimento ocular, com uveíte crónica, com necessidade de corticoterapia tópica (aplicada nos olhos). A aluna teve a 1<sup>a</sup> crise de uveíte diagnosticada em Setembro de 2003. Recidivou em Maio de 2005. Como sequela apresenta queratopatia em banda do olho direito. Em Setembro de 2008 novamente recidiva no olho direito, estando desde então sem inflamação ocular.

Atualmente não apresenta derrame em qualquer articulação. As suas queixas estão associadas com o exercício e o esforço físico, que localiza aos tornozelos e pernas (gêmeos). Deve ser incentivada à prática de exercício, mas por vezes nestes jovens é necessário dar-lhes mais tempo para iniciar os exercícios e limitá-los no tempo. São sobretudo benéficos os desportos em meio aquático mas também é importante a carga porque esta doença tem um risco acrescido de osteoporose (pela própria doença e pelas medicações).

#### **4.4) Metodologia**

Este estudo desenvolvido durante o presente letivo foi elaborado inicialmente no 1º período com a escolha e definição do tema a abordar, posteriormente com a recolha de dados durante, essencialmente, o 2º e 3º período, diretamente junto da aluna ou através do diretor de turma, que tem acesso ao seu processo individual. Foi também consultada a doutora responsável pelo serviço de reumatologia que tem acompanhado de forma individual o caso desta aluna desde as primeiras manifestações desta doença.

No que diz respeito ao acompanhamento direto junto da aluna foi criada uma folha que serviu de diário da aluna onde esta indicava no final de cada aula, de forma escrita, quais as sensações/sintomas que possa ter sentido durante a aula e no caso de ter sentido algo, em que tarefa foi. Esta foi uma forma por mim encontrada para poder recolher um registo de forma direta e na primeira pessoa, com o contributo da interveniente neste estudo, acerca dos sintomas que possam ter ocorrido e em que tarefas aconteceram.

De forma indireta e com o auxílio de todos os registos por mim realizados, principalmente nas grelhas de avaliação formativa, sumativa e reflexões de aula contidas nos planos de aula, foi possível também aperceber-me de certos comportamentos, em determinadas matérias, que a aluna evidenciou.

#### **4.5) Interpretação dos Resultados**



Relativamente aos dados recolhidos no diário, que representaram uma descrição na primeira pessoa por parte da aluna no final de cada aula, verificam-se alguns aspetos relevantes.

Apesar de no 1º período ainda não estar totalmente definido qual o tema que iria tratar, recorrendo à grelha de avaliação formativa das matérias abordadas, verificou-se que durante a unidade didática de voleibol esta aluna solicitou algumas vezes a paragem em algumas tarefas de aula, indicando que estava com dores nas mãos. Teve também um comportamento pouco empenhado durante grande parte das aulas, revelando alguma desmotivação aparente.

Aquando da abordagem da unidade didática de ginástica de solo e aparelhos apresentou-se pouco empenhada, sendo também relevante o facto de em algumas situações ter pedido para parar a tarefa por dores de barriga ou outro tipo de má disposição.

No 2º período, e já com o auxílio do diário da aluna, em conjunto com as grelhas de avaliação formativa das matérias abordadas concluem-se os seguintes aspetos:

- Durante a unidade didática de futebol apresentou-se numa aula com alguma indisposição no início da mesma, terminando a aula com a indicação de algumas dores no tornozelo. No final da aula seguinte apresenta também algumas dores, mas estas derivadas de um pequeno traumatismo ocorrido durante a aula.
- Durante uma das aulas de atletismo, apresentou-se no final da aula com sentimento de cansaço e algumas dores musculares nas pernas (nesta aula realizou-se corrida de velocidade e salto em comprimento).
- Por fim, e talvez onde esteja o enfoque principal dos comportamentos desta aluna, na unidade didática de patinagem a mesma, não realizou nenhuma aula completa. Este facto deve-se primeiramente a uma ausência da escola por estar doente com papeira. Quando regressou, pediu para não realizar aula pouco depois de esta ter começado, por estar com dores fortes de barriga. Na aula seguinte mais uma vez depois de estar equipada e pronta para iniciar a aula, solicitou novamente a dispensa para não a realizar por estar mais uma vez com dores de barriga e invocar que não gosta de andar de patins.

Em termos de assiduidade esta foi uma aluna regular durante o ano letivo. Durante o 1º período apenas não realizou uma aula por estar lesionada. O maior número de faltas ocorreu no 2º período tendo faltado seis vezes, todas elas com justificação apresentada junto do diretor de turma. Tal como já enunciei anteriormente este

também foi o período em que a aluna foi vítima de um surto de papeira que abalou este estabelecimento, e como tal faltou a algumas aulas de educação física por ter de ficar em casa.

No que diz respeito ao desempenho e avaliação desta aluna, a mesma apresenta o mesmo tipo de avaliação na disciplina de educação física que os restantes colegas da turma. Não há portanto restrições no processo avaliativo para esta aluna.

Na sua avaliação nas matérias lecionadas até ao momento do final das atividades de estágio e fazendo uma retrospectiva do desempenho desta aluna, em conjunto com a turma, verifica-se uma notória evolução desde a avaliação inicial no início do ano e o final de cada unidade didática. Apenas de salientar que esta aluna não cumpriu os requisitos mínimos ao nível das atividades físicas nas matérias de ginástica de aparelhos (saltos boque/plinto), patinagem e também na escalada, lecionada no 3º período, onde não realizou a subida e descida da parede invocando ter vertigens e conseqüentemente medo de cair.

#### **4.6) Implicações no Estágio Pedagógico**

Tratando-se de um tema que tem implicação direta numa das alunas da minha turma e fazendo uma breve retrospectiva dos acontecimentos e da implicação que este estudo teve no estágio pedagógico por mim realizado passo de seguida a indicar algumas reflexões que considero importantes e que estão ligadas às principais dimensões de ensino-aprendizagem.

Começando pelo planeamento este foi sem dúvida o primeiro passo para delinear o que pretendia com este estudo. A base de um bom desempenho e respetiva produtividade no que se pretende obter está numa previsão atempada do que se pretende e como se pretende atingir.

Depois de analisado o processo individual desta aluna não foram necessárias fazer alterações a nível de planeamento, mais concretamente no plano anual, por mim elaborado no início do ano letivo.

No que toca às unidades didáticas foi dada particular atenção às unidades de voleibol, ginástica, patinagem e também à abordagem da escalada, isto porque após análise dos questionários de início de ano estas foram indicadas com as matérias

que a aluna menos gostava. Logo este seria um dos pontos que me forneceu indicações para poder estar precavido para algo.

Como a aplicação prática deste estudo apenas começou a decorrer durante o 2º período (1º período serviu para a escolha do tema a abordar), centro especial atenção na unidade didática de patinagem e na abordagem à escalada.

Relativamente à abordagem à escalada esta apenas aconteceu numa aula, e como tal a sua elaboração seguiu as indicações fornecidas pelo programa nacional de educação física e os documentos da escola.

A unidade didática de patinagem foi elaborada tendo em conta também o programa nacional de educação física, os documentos da escola, e as indicações de nível e respetivas componentes e capacidades fornecidos pelos documentos em vigor associados à federação de patinagem de Portugal.

Os planos de aula seguiram a estrutura utilizada pelo núcleo de estágio. Aqui dominei a realização deste documento, devido à minha ligação com esta modalidade na minha vida extraescola. Foram realizados exercícios, que aumentaram o grau de complexidade de aula para aula, exercitando sempre do simples para o complexo, favorecendo assim as aquisições por parte dos alunos.

Numa perspetiva de precaução, para esta aluna, elaborei um plano de aula alternativo, com exercícios para trabalho de força, que teve como principal objetivo implementar junto da aluna um conjunto de exercícios quando esta apresentasse no decorrer da aula alguma indisposição ou recusa para a realização da mesma.

Foi também por mim introduzido junto desta turma, principalmente nas tarefas que envolvessem esta aluna, algumas estratégias das quais passo a destacar a que considero mais relevante no contexto de aula, que é a de evidenciar a aluna perante a turma. Um exemplo desta estratégia no tag-rugby, onde num exercício de jogo reduzido 4x4 a aluna além de jogar normalmente com os colegas, desempenhava funções como marcação de faltas, marcação de foras, início ou reinício do jogo, entre outras. Favorecendo assim a sua integração na turma e a sua motivação para a realização das aulas de educação física.

Quando às dimensões relativas à realização, começo por salientar a instrução. Esta foi realizada de igual forma para toda a turma, incluindo esta aluna, sempre com a liberdade para quem tivesse alguma dúvida pudesse solicitar o meu esclarecimento. A exceção ocorreu nas tarefas relativas ao trabalho de força, principalmente utilizadas na parte inicial da aula a seguir ao aquecimento. Aqui devido às principais

condicionantes da aluna, optei pela estratégia de realizar primeiro instrução e demonstração para toda a turma e de seguida deslocar-me para junto da aluna e fornecer instrução individualizada, indicando as tarefas que pretendia para ela, quando estas eram diferentes das da turma ou indicando dentro das tarefas atribuídas à turma, algumas variantes facilitadoras, tais como por exemplo a realização de flexões com os joelhos no chão. Tive também o cuidado de me colocar de forma a poder controlar a turma quando realizava esta individualização. Aqui, optei também por realizar um feedback geral para a turma inicialmente e individual para a respetiva aluna, de forma a corrigir o maior número de erros que foram cometidos na execução das tarefas. Pontualmente era realizado um feedback individual à distância para poder corrigir principalmente a postura para uma correta execução por parte do aluno em causa. Esta forma de instrução justificasse pelo próprio controlo da turma, porque se realizasse primeiro instrução individual e depois para a turma, corria o risco de esta se descontrolar, provocando indisciplina na sala de aula.

Obviamente, pelo que já foi indicado anteriormente, o clima/disciplina da turma não ficou afetado com esta individualização, muito devendo-se não só à minha autoridade como também ao facto de ser uma turma empenhada, não obstante a por vezes surgirem algumas situações que a turma se apresentava um pouco agitada.

A não realização de algumas tarefas, motivadas por falta de vontade ou receio de algo, por vezes levou esta aluna a alguns comportamentos fora da tarefa, que a maior parte das vezes foram ignorados por mim, o que promoveu o fim deste comportamento e a retoma da tarefa por parte da aluna.

Na dimensão gestão, foram criadas algumas rotinas junto da turma que promoveram a sua interação junto das tarefas propostas, como consequência foram diminuídos os tempos de transição, havendo sempre uma especial atenção da minha parte na realização das tarefas por parte desta aluna. Sempre que a mesma apresentava limitações optei por lhe dar mais tempo para que realizasse as tarefas com calma, cumprindo os requisitos por mim impostos.

As decisões de ajustamento foram pontuais, também derivado do facto de ser uma aluna muito imprevisível. Tanto se apresentava motivada para as tarefas como de repente se acanhava e se tornava pouco motivada. Felizmente estas situações ocorreram poucas vezes, mas das vezes que ocorreram estive à altura e rapidamente a aluna voltou à aula realizando as tarefas previstas.

No que toca á avaliação esta é uma aluna que não apresenta nesta disciplina necessidades educativas especiais, sendo assim o seu processo avaliativo decorreu de forma igual aos restantes membros da turma.

Por fim, e refletindo sobre a minha atitude ético-profissional, fui desde o início um professor recetivo e tolerante para com o desempenho desta aluna, fazendo-me acompanhar de um discurso simples e direto de forma a perceber algumas atitudes para assim poder ajudar ao máximo esta aluna tanto no contexto de aula como fora dela.

#### **4.7) Sugestões e Recomendações**

Uma das utilidades deste estudo está no facto de retratar um contexto vivido e que mais tarde e noutras condições poderá ser colocado à prova, implementando o mesmo tipo de estratégias utilizadas ou até encontrar outras que aqui não foram utilizadas mas que poderiam ter sido. Quero com isto dizer que o que a seguir vou descrever deverá funcionar como um conjunto de sugestões e recomendações não só para mim no meu futuro mas também para todos os professores que durante o seu percurso de docentes possam ser colocados numa situação parecida com a minha com alunos com estas características.

Qualquer tipo de investigação deve ser acompanhada por um conjunto de pesquisas sobre o tema, isto porque com a evolução da sociedade todos os dias surgem sempre coisas novas que poderão ser aproveitadas e que servirão de melhoria para as já existentes.

Após a pesquisa o próximo ponto deverá ser o contacto com a aluna, conhecendo o seu historial e as suas contra-indicações, sendo isto essencial para que não se cometam erros ou injustiças durante o processo de ensino-aprendizagem.

Como se trata de uma doença imprevista, o professor deve estar preparado com um plano de aula alternativo ou com um conjunto de tarefas em mente, até mesmo dentro do plano de aula principal, que possam ser uma alternativa às tarefas da aula para assim envolver o aluno na aula de educação física, dentro das suas condicionantes.

Quanto a situações práticas por mim utilizadas no contexto de aula, passo a indicar que tal como já vimos anteriormente o trabalho de força deve estar presente neste

tipo de doença para impedir o bloquear das articulações, promovendo assim o trabalho de força condicionado.

É essencial também envolver estes alunos de forma motivada na prática da educação física, independente da matéria, para tal é preciso jogar um pouco com a motivação dos alunos para a prática desportiva, ou seja, é necessário fazer o levantamento das informações mais pertinentes retiradas dos questionários de início de ano por exemplo. Tentar também fazer que o aluno possa superar as suas capacidades, colocando-os em papel de destaque.

Em suma, o papel do professor no âmbito escolar deve ser orientado sobre a doença, avaliando e respeitando as necessidades pessoais do aluno. Uma vez que a incapacidade física tem melhoria lenta, as atividades intelectuais assim como as artísticas devem ser estimuladas e valorizadas. O aluno deverá ter um programa de tratamento adaptado ao seu caso que o professor deve conhecer. Deverá fazer exercício físico adaptado ao seu caso e nas crises de dor o professor deve conhecer a forma adequada de atuar pelo contacto prévio com o encarregado de educação.

Por fim tendo em conta este estudo e os seus resultados anteriormente enunciados, esta aluna apresentou maiores dificuldades na abordagem à patinagem, indicando mau estar, dor, e falta de empenhamento nas tarefas propostas.

Existem muitas razões para tal facto, mas a explicação mais simples e aquela que explica uma grande parte a fuga a esta matéria é a associação da patinagem à queda, ao perigo, etc.

Relativamente às quedas, o professor deve salvaguardar inicialmente a motivação pela prática, respeitando o fator psicológico que advém do medo de cair e se magoar. Assim, a queda deve ser encarada como uma situação normal, evitando focar muita atenção nos seus perigo e também protegendo excessivamente e incoerentemente os alunos. Havendo sempre um trabalho prévio por parte do professor antes da lecionação destas aulas, conhecendo quais as principais lesões que poderão ocorrer, assim como as formas de socorro imediato e cuidados de segurança aquando da prática (precaução com o material e o espaço de aula a ser utilizado).

O trabalho prévio também engloba o modo de ensino que o professor vai utilizar para conseguir que o aluno interaja de forma saudável e simples com a possibilidade de uma queda a qualquer momento. Assim, um dos primeiros elementos a ensinar é o sentar e levantar, devendo caso seja possível, ser um movimento realizado sem a

colocação das mãos no solo. De seguida deve ser indicado ao aluno que quando estiver no momento da queda, deve descontraír o corpo e deixá-lo rebolar no chão e nunca colocar as mãos, cotovelos ou joelhos (em posição passível de entrar primeiramente) em contacto com o solo. Depreende-se portanto com aquilo que indiquei anteriormente que não há necessidade de utilizar joelheiras, cotoveleiras, luvas ou capacete. Uma queda mesmo com estes elementos pode provocar lesões ósseas ou ligamentares, apenas evitando feridas e queimaduras superficiais, algo que é menos importante e melindroso.

Mais uma vez, volto a reforçar a importância do trabalho psicológico para aumentar a confiança de evitar e interagir com a queda. Para isto também é importante que o aluno sinta que tem as condições ideais para a realização das suas tarefas, começando no local utilizado para esta aprendizagem, sendo aconselhável um local coberto com um bom ambiente, limpo, de preferência deverá ser um piso que não permita um grande deslize dos patins e ainda um piso que em caso de queda não origine lesões graves. Precavendo-se também alguns fatores de risco tais como materiais perigosos extra patinagem, sujidade e exposição visual.

Relativamente ao patim, este deve estar bem fixo ao pé, seguro e permitindo conforto ao aluno. É importante também que os patins estejam limpos e com os devidos cuidados de manutenção regulares, sendo sempre vistos/analísados antes de cada utilização. Mas o mais importante é que rodas e rolamentos não permitam grande deslize, resultado de serem macias e de fraca qualidade.

A atividade dirigida e orientada corretamente está destinada ao sucesso, como tal é importante que o professor faculte apoio aos seus instruendos de forma a transmitir-lhes segurança.

Esse apoio é dado a nível psicológico, mais uma vez, com estímulos positivos e feedbacks informativos, reforçando os critérios de êxito e realçando as capacidades e potencialidades do aluno.

A nível de ajudas/pegas, estas devem ser aplicadas aos alunos com mais dificuldades e numa fase inicial ou ainda sempre que sejam executados exercícios com elevado grau de dificuldade.

Este tipo de ajuda alterna consoante a forma ou o tipo de ajuda que é realizada. Assim, se for realizada pelo professor ou por um colega que domine a tarefa ou que esteja por exemplo sem fazer aula e que o professor deposite confiança nas suas capacidades, deverá utilizar por exemplo as mãos dadas deslocando-se de costas;

mão dada com o braço por baixo do ombro ou só mãos por baixo dos ombros; abraçar lateralmente o patinador; segurar por trás com uma mão os calções ou as calças do patinador; utilizar também outros objetos como por exemplo arcos ou bastões, sendo seguros pelo aluno e pelo auxiliar; utilizar um cinto de segurança de escalada ou com cordas presas e seguras pelo auxiliar.

Outro tipo de apoios também pode ser utilizado, tais como utensílios fixos ou semimóveis, exteriores ao patinador, andarilhos, tripés com rodas pouco deslizantes, cadeira de rodas. Assim como ações sobre o patim/piso, isto é, a redução ou eliminação do deslize com superfícies frenadoras tais como sacos de plástico, colchões, carpetes, tapetes, travar rodas por aperto, rolamentos sem esferas, rodas excessivamente moles.

## 5) CONCLUSÕES

Este caso contou com a minha atividade nas principais dimensões deste estágio pedagógico, nomeadamente nas atividades de ensino aprendizagem, principalmente na intervenção pedagógica e na atitude ético-profissional durante a lecionação das aulas, tentando optar sempre pelas melhores soluções. Salvaguardando o processo de ensino-aprendizagem quer dos alunos, quer o meu enquanto docente.

Penso que esta é uma temática interessante de abordar pois diz respeito diretamente a uma condicionante física imprevista, isto é, afeta diretamente a parte óssea principalmente numa primeira instância e traz consigo consequências sociais e psicológicas.

O professor tem ao longo da sua carreira profissional um enorme conjunto de competências a cumprir, no entanto creio que a mais importante e simultaneamente mais complicada, será a de ir ao encontro das necessidades dos alunos.

Como cada pessoa é única, então cada professor deve procurar conhecer os seus alunos individualmente de forma a adotar a melhor estratégia para cada aluno.

Por outro lado é bom que o professor tenha consciência de que ao interagir com os alunos, independentemente da disciplina, assume-se como um agente importante para a sua educação. Isto não só aquando da interação na sala de aula, mas



também fora dela, através do seu exemplo, da sua maneira de ser e de estar, da forma como comunica e se relaciona, entre outras.

É neste âmbito que este tipo estudos vem contribuindo para o conhecimento dos alunos em causa, retratando as suas particularidades, dificuldades e relações existentes com todos os elementos intervenientes na aula de educação física.

Por vezes os alunos indiretamente, nesta disciplina, induzem ao professor uma imagem de preguiça ou falta de interesse, sendo bastante matreiros, aproveitando-se por vezes de algumas situações para poder não realizar a aula de educação física pelas mais diversas e criativas razões. Mas, cabe ao professor recorrendo á sua formação contínua, interesse pelo sucesso dos alunos e vontade em contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do aluno, saber avaliar até que ponto essas desculpas/justificações dos alunos para não fazer aula são ou não realmente verdadeiras.

Alguns alunos evitam as atividades físicas devido ao medo da dor articular ou de ferimentos. Outros evitam os exercícios pelas mesmas razões dos que não têm artrite, isto é, a relutância em mudar o estilo de vida.

O sedentarismo, além de agravar os problemas relacionados com a artrite, pode resultar numa série de outros riscos à saúde, incluindo o diabetes tipo II e as doenças cardiovasculares. A diminuição da tolerância à dor, a fraqueza muscular, a rigidez articular e a falta de equilíbrio, comum a muitas formas de artrite, podem ser agravadas pela falta de exercícios físicos.

Em suma, este estudo abrangeu no seu conteúdo, diversas áreas, entre as quais se incluem as referidas ao longo deste relatório, que possibilitarão uma melhoria do processo ensino – aprendizagem, para este tipo de alunos em particular no âmbito da educação física, avaliando e criando estratégias para que a atividade física corretamente implementada seja um contributo positivo para esta doença.

### **5.1) Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar**

É evidente e pertinente o impacto deste núcleo de estágio quando mobilizou os projetos pedagógicos, permitindo à comunidade escolar a adoção de novas experiências e principalmente para que tenha contacto com a importância da prática de atividade física quer seja em lazer, quer seja em competição.

Outra importante realização foi ter aproveitado a minha experiência extra-aula na patinagem e no rugby, abordando de forma mais aprofundada estas matérias na minha turma, promovendo assim novas experiências e curiosidades acrescentadas quer pelos meus colegas docentes, quer pelos meus alunos. Como consequência esta inovação de práticas pedagógicas, de quebra de rotinas, tem evidência no âmbito do ensino quer pelo entusiasmo promovido entre os alunos quer pela atenção que se despertou no grupo de educação física em querer conhecer e compreender mais aprofundadamente estas matérias.

## **5.2) Prática Pedagógica Supervisionada**

Tal como Alarcão e Tavares (1987) enunciam, para se desenvolver o processo de supervisão, é necessário desenvolver um clima favorável, com uma atmosfera afetivo-relacional positiva, de entreajuda recíproca, espontânea, cordial e empática, entre o supervisor, orientador e o professor.

Associado a tudo o que envolve as minhas tarefas neste estágio, é de enorme importância o papel atribuído a quem me controla, isto é, tanto o orientador da escola como o orientador da faculdade são sem dúvida duas pessoas que funcionam como meus guias, ajudando-me, aconselhando sobre determinadas situações que a sua experiência profissional me irá favorecer ajudando a ultrapassar diversas situações, contribuindo assim para o meu crescimento e melhoria da minha experiência pessoal. Assim e voltando mais uma vez ao encontro das palavras de Alarcão e Tavares (1987), este é um processo em que o professor mais experiente e informado, orienta outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento. Especificamente o orientador da escola, professor Miguel, observou, acompanhou e orientou esta minha entrada no mundo da docência. Este foi quem me acompanhou mais de perto, me ajudou a alterar erros e que esteve imediatamente disposto a dar feedback. Saliento a atitude positiva e muito calma do mesmo, sem se esquecer de não só ensinar apenas aquilo que sabia mas também aquilo que é o seu agir enquanto humano, sempre aberto a novas opiniões e também a justificar de forma viável as suas opções, ajudando-me a formular a minha própria opinião.

Com a sua simplicidade e simpatia, relacionou-se de uma forma muito próxima com todos os estagiários, procurando defender os vários interesses do núcleo e orientar de forma responsável, crítica, as nossas atividades.

Por último, o orientador da faculdade, o professor Pedro Fonseca, acompanhou o decorrer da prática, acompanhando sempre de perto através do diálogo com o orientador da escola, devido às suas limitações que o condicionaram a uma presença mais assídua nas nossas aulas. Fez-se notar com a sua presença em alguns momentos junto de nós na escola e aquando das reuniões realizadas salientou os aspetos positivos e negativos do nosso desempenho, ajudando-nos assim a melhorar enquanto docentes.

Se fazer supervisão como afirma Vieira (1993) é fundamentalmente haver diálogo, informação, questionamento, sugestões, encorajamento e reflexão para formular novas visões e formas de atuação, então acredito que estas funções foram cumpridas.

### **5.3) Experiência Pessoal e Profissional**

Toda a envolvimento e dinâmica criadas, este ano de novas experiências e algumas mudanças superou as minhas expectativas, na medida em que o mesmo foi um complemento valioso à minha formação inicial, de crescimento pessoal e, igualmente, pessoal.

Esta formação enquanto estudante, futuro professor, deve fazer-se como indica Formosinho (1987), na escola solicitando a promoção da maturidade psicológica. Como tal, este desenvolvimento pessoal e social enquanto professor em trajeto formativo contribui para o desenvolvimento reflexivo do mesmo. Assim, as diversas situações vivenciadas e sentidas ao longo deste ano levaram-me a perceber os vários fatores condicionantes do ser professor e conseqüentemente, refletir sobre a minha formação anterior.

É cada vez mais notado no contexto escolar o contributo que a sociedade moderna lhe incute, sendo transposto na escola a sociedade onde vivemos.

Ser professor já não tem que ver apenas com tarefas tradicionais de ensino pois a escola mudou, exigindo um quadro teórico de reflexão mais profundo e mais dinâmico. Assim, a nossa intervenção na escola não pode ser só traduzida na

atuação no âmbito curricular. É necessário assumir a docência num sentido mais amplo, ligado à dinâmica concreta da vida social.

A minha pretensão passou por adequar as tarefas às reais capacidades dos alunos e utilizar estratégias diversificadas que os levassem a vivenciar situações de êxito, para que pudessem aprender algo que os possa acompanhar na sua vida.

Tal como indica Bento (1998), não é novidade o facto de haver a necessidade de recriar e tornar mais atrativo o processo ensino-aprendizagem.

Tenho consciência que muito ficou por aprender, não terminando aqui a minha formação. A mesma prolongar-se-á num processo sempre incompleto de formação contínua ao longo de toda a minha vida profissional. Tal como afirma Alarcão e Tavares (1987), tenho presente que a profissão de docente não inicia com a frequência de um curso de formação nem termina com a obtenção de grau académico mas sim é algo que se realiza durante toda a vida.

Desde o primeiro dia até ao último sempre surgiram situações novas, umas que ajudaram a sustentar as minhas opiniões, outras que me ajudaram a reformular outras opiniões, e é nesta simbiose de opiniões e experiências vividas, que irei evoluir enquanto pessoa e principalmente enquanto docente, contribuindo para um melhor processo de ensino aprendizagem dos alunos e principalmente o meu enquanto docente.

## 6) BIBLIOGRAFIA

Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica – Uma perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Livraria Almedina, Coimbra.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Ed. McGraw- Hill, Lisboa.

Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte. Lisboa.

Bento, J. O. (2003). Planeamento e Preparação da Unidade Temática ou Didática. In J. O. Bento, *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (p. 75;100). Lisboa: Horizonte.

Bento, J.O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte.

Bloom, B. (1971). *Handbook on the Formative and Summative Evaluation of Learning*.

Contreras, O. R. (1998). *Didáctica de la E.F. Un enfoque constructivista*. INDE. Barcelona.

Cunha, A. C. (2008). *Ser Professor - Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.

Fernandes, V. (1998). *Como diagnosticar e tratar Artrite Reumatóide*. Consultado em 19 de Maio 2013, disponível em: <http://www.moreirajr.com.br.RBM/espsdez98/esp98-1/index.htm>.

Formosinho, J. (1987). «A Formação de Professores e Gestores Pedagógicos para a Escola de Massas», in : *O Ensino*, nº 18-19-20-21-22, 145-155.

Gomes, M. (1994). Classificação dos reumatismos crónicos juvenis. Revista Pathos. Nº 117, p. 13-49.

Gomes, M. (2004). Planeamento em educação física – comparação entre professores principiantes e professores experientes.

Consultado em 19 de Maio 2013, disponível em: [Http://www3.uma.pt/defd/index2.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=154&Itemid=34](Http://www3.uma.pt/defd/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=154&Itemid=34).

Graça, A. (2009). *A docência como profissão*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Desporto. Aula da disciplina Tópicos da Educação Física e Desporto I.

Klippel, J. (1998). Perguntas e respostas sobre artrite e doenças reumáticas. Consultado em 19 de Maio 2013, disponível em: [http://www.geocities.com/TheTropics/6230/faq\\_artrite.html](http://www.geocities.com/TheTropics/6230/faq_artrite.html).

Lopes, A. (2001). *Mal-estar na docência? Visões, razões e soluções*. Cadernos do CRIAP. Porto: Edições Asa.

Machado, C. e Ruperto, N. (2005). Consenso em reumatologia pediátrica: Parte I – Definição dos critérios de doença inativa e remissão em artrite idiopática juvenil / artrite reumatoide juvenil. Revista Brasileira de Reumatologia. Vol. 45, nº 1, p. 9-13.

Pacheco, J. e Flores, M. (1999). *Formação e avaliação do professor*. Porto: Porto Editora.

Pieron, M. (1996). *Formação de Professores – Aquisição de Técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.

Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Bragança: Ed. Instituto Politécnico de Bragança.

Randall, L. (1992). *Systematic supervision for Physical Education*. Human Kinetics Publishers. Champaign. IL.

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora. Lisboa.

Rosado, A. (1998). *A Disciplina nas classes de Educação Física*. Horizonte, 7 (38), 47 – 55.

Rosado, A. (1998). Modelos de lecionação em Ed. Física. Retirado a 22 de Maio de 2013, de [http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021\\_ficheiros/v3\\_document.htm](http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/v3_document.htm).

Rothenberg, R. (1981). *Medicina e Saúde: Guia Prático*. Vol.1. São Paulo, Abril Cultural, p.117-27.

Salgado, M. (2004). Doença reumática na criança. *Nascer e Crescer*. Vol. 13, nº 3, p. S267-S275.

Souza, J. (1998). *Artrite Reumatóide*. Rio de Janeiro. Consultado em 19 de Maio 2013, disponível em: <http://www.geocities.com/HotSprings/1613>. Clínica Médica e Perícia. Rio de Janeiro. 1998.

Tyler, R. (1942). General statement on evaluation. *Journal of Education Research*, 35, 492-501.

Vieira, F. (1993). *Supervisão: Uma Prática Reflexiva da Formação do Professor*. Coleção em foco. Edições Asa.

Vila, J. (1988). *La Crisis de la Función Docente*, Valencia, Promolibro.

Zegarrelli, E. (1981). *Diagnóstico das Doenças da Boca e dos Maxilares*. 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, p.161.